

PROJETO PARA UM MODO DE VIDA SUSTENTÁVEL

RELATÓRIO DE
ATIVIDADES
2023



Banco Europeu
de Investimento | Grupo

PROJETO PARA UM MODO DE VIDA SUSTENTÁVEL

RELATÓRIO DE
ATIVIDADES
2023



Banco Europeu
de Investimento | Grupo

Relatório de Atividades 2023 do Grupo Banco Europeu de Investimento
Projeto para um modo de vida sustentável

© Banco Europeu de Investimento, 2024.

98 -100, boulevard Konrad Adenauer
L-2950 Luxembourg

Reservados todos os direitos.

Todas as questões relacionadas com direitos e licenças devem ser dirigidas a publications@eib.org.

Para mais informações sobre as atividades do BEI, consulte o sítio Web em: www.eib.org.

Pode também contactar info@eib.org. Subscriba o nosso boletim de informação eletrónico em www.eib.org/sign-up.

Publicado pelo Banco Europeu de Investimento.

Impresso em papel FSC®.

ÍNDICE

4	PREFÁCIO
6	FACTOS MARCANTES DE 2023 Dados relativos aos financiamentos e ao seu impacto
8	O BEI NO SEU PAÍS Financiamentos por país
10	O BEI NO RESTO DO MUNDO Financiamentos no exterior da União Europeia
12	PLANOS PARA DISPOSITIVOS REVOLUCIONÁRIOS
14	Alemanha: Quando a documentação médica é uma questão de vida ou de morte
15	Espanha: Da ficção científica à realidade científica
16	Países Baixos: Mais um passo no sentido da economia circular
17	Iniciativa Campões Tecnológicos Europeus: Capital de risco para financiar a expansão das empresas
18	Itália e Irlanda: Inovações que ficam no ouvido
19	Polónia: Um novo instrumento de diagnóstico para o cancro da mama
20	Espanha: Drones movidos a energia solar
21	Itália: Um serviço simpático, eficaz e rápido
22	Países Baixos: Acabar com o abate de pintos machos
24	PLANOS PARA UMA EUROPA VERDE
26	Polónia: Uma cidade verde e humana
27	Países Baixos: Um hospital sustentável
28	Bélgica: Blocos de alvenaria que absorvem carbono
29	Grécia: Trabalhar com, e não contra, a natureza
30	Espanha: Uma ideia repleta de frescura
32	Chéquia, Eslováquia, Hungria e Roménia: Gigawatts no telhado
33	Espanha: Reforçar a autonomia energética da Europa
36	PLANOS PARA MAIS IGUALDADE
38	Itália: Promover a aprendizagem e a poupança de energia
39	Espanha: Escolas para os subúrbios
40	Alemanha e Itália: Novos comboios, novas linhas, nova tecnologia
42	França: Recarregar baterias
43	Países Baixos: Maior mobilidade elétrica graças aos robôs
44	Bulgária e Portugal: A bom porto
46	Lituânia: Autoestradas da natureza
47	Espanha: Mudança de rumo contra o assédio
48	PLANOS PARA UM MUNDO JUSTO E VERDE
50	O Quénia em destaque: Um modelo ecológico em África
54	Ucrânia: Nunca os abandonaremos
56	O Egito em destaque: Pequenas empresas junto ao grande rio
60	Sérvia: Ferrovia verde
62	Marrocos: Depois do sismo
64	FACTOS MARCANTES DA CAPTAÇÃO DE FUNDOS: ORIGEM DOS RECURSOS DO BEI
65	Tornar a cadeia de blocos mais ecológica
66	DESTAQUES DO PLANO DE ATIVIDADES DO GRUPO PARA 2024-2026
67	Governança

PREFÁCIO

DA PRESIDENTE

Um projeto contém desenhos, dimensões e anotações. O nosso relatório anual, intitulado *Projeto para um Modo de Vida Sustentável*, **desenha** um quadro vívido dos beneficiários de projetos do Banco Europeu de Investimento. Contém dados sobre as **dimensões** do nosso investimento global maciço e a importância dos nossos empréstimos para cada um dos beneficiários. Apresenta **anotações** sobre as políticas e os conhecimentos especializados da UE que estão na base de cada um dos nossos investimentos.

O projeto do Banco Europeu de Investimento para a Europa assenta numa visão de um futuro inovador, um futuro verde, um futuro de igualdade – e um futuro que não acaba nas fronteiras da União Europeia. O presente relatório destaca a análise aprofundada dos avanços técnicos registados nos domínios da inteligência artificial, dos cuidados de saúde e da biotecnologia que está subjacente aos nossos investimentos em novas tecnologias revolucionárias. Expõe o nosso compromisso de construir uma economia verde e de apoiar novas ideias para tecnologias limpas que são indispensáveis para conter as alterações climáticas a nível mundial. Ilustra a importância do investimento nas infraestruturas que servem para nos deslocarmos de um local para outro e para educarmos as nossas crianças, onde todos se devem sentir seguros e protegidos contra o assédio. Mostra o impacto do nosso trabalho fora da União Europeia através de artigos de fundo sobre os nossos projetos no terreno em países parceiros na África e noutras regiões do mundo. Por último, apresenta o culminar de 12 anos de liderança de Werner Hoyer, cujo segundo mandato terminou no final de 2023. É com grande orgulho que lhe sucedo na presidência do BEI.

Com base neste grande projeto, **já começámos a construir o futuro da Europa**, como atestam os dados sobre as nossas atividades de financiamento e de captação de fundos. O Plano de Atividades do Grupo para o período de 2024 a 2026 traduz o enorme compromisso que assumimos. Ilustra de forma abrangente a nossa ambição de moldar este futuro para benefício de todos na Europa, para os nossos vizinhos e para os nossos parceiros em todo o mundo.

O presente relatório demonstra que o Banco Europeu de Investimento nunca foi tão importante para a Europa e para o mundo como agora. Ao assumir a presidência, congratulo-me com a oportunidade de participar neste grande projeto com entusiasmo e otimismo quanto às perspetivas para os próximos anos.

Nadia Calviño

PREFÁCIO DA PRESIDENTE



FACTOS MARCANTES DE 2023

GRUPO BEI EM 2023

DENTRO DA UE	78,3 mil milhões de EUR
FORA DA UE	9,5 mil milhões de EUR
TOTAL	87,8 mil milhões de EUR

BANCO EUROPEU DE INVESTIMENTO EM 2023

DENTRO DA UE	66,5 mil milhões de EUR
FORA DA UE	8,6 mil milhões de EUR
TOTAL	75,1 mil milhões de EUR

FUNDO EUROPEU DE INVESTIMENTO EM 2023

DENTRO DA UE	14 mil milhões de EUR
FORA DA UE	900 milhões de EUR
TOTAL	14,9 mil milhões de EUR

O Fundo Europeu de Investimento (FEI), que faz parte do Grupo BEI, é uma instituição especializada no financiamento de risco para apoiar as micro, pequenas e médias empresas e estimular o crescimento e a inovação em toda a Europa. Disponibiliza financiamento e conhecimentos técnicos para a realização de investimentos sólidos e sustentáveis e operações de garantia. Entre os acionistas do FEI contam-se o BEI, a Comissão Europeia, bancos públicos e privados e instituições financeiras.

O IMPACTO DO BEI



Poupança anual de energia



Novos assinantes de serviços 5G



Estudantes em estabelecimentos de ensino que beneficiam de financiamento



Capacidade de produção de eletricidade a partir de fontes de energia renováveis



Eletricidade produzida a partir de fontes de energia renováveis



Habitções ligadas à rede elétrica



Linhas elétricas instaladas/modernizadas



Contadores inteligentes instalados



Pessoas que beneficiam de melhores serviços de saúde, incluindo vacinação



Pessoas que beneficiam de melhores infraestruturas urbanas e municipais



Viagens de passageiros adicionais efetuadas em transportes públicos



Estações de serviço para combustíveis alternativos



Pessoas com novos sistemas de recolha de resíduos



Pessoas com melhores serviços de saneamento



Pessoas com acesso a água potável segura



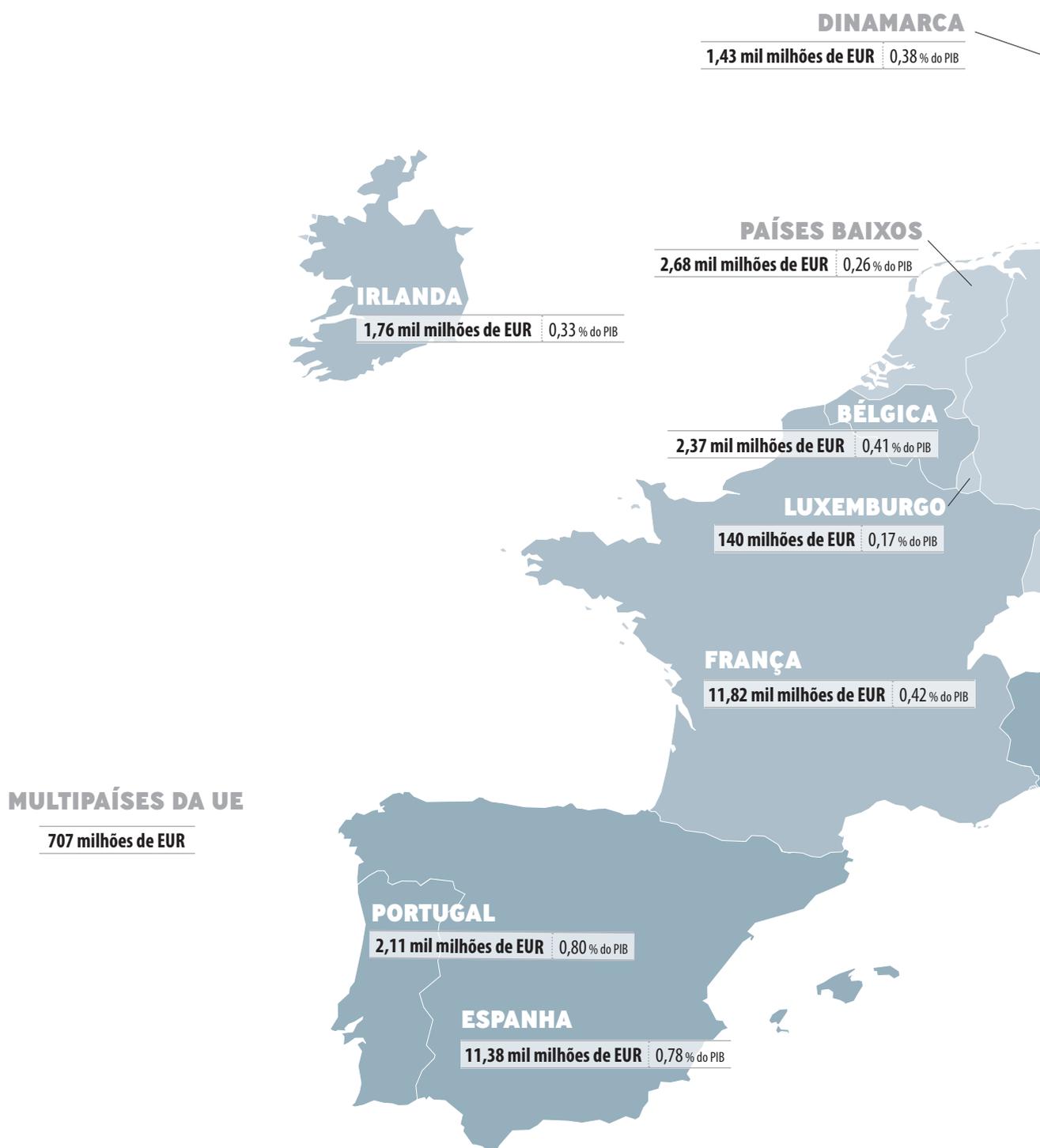
Pessoas sujeitas a menores riscos de inundações



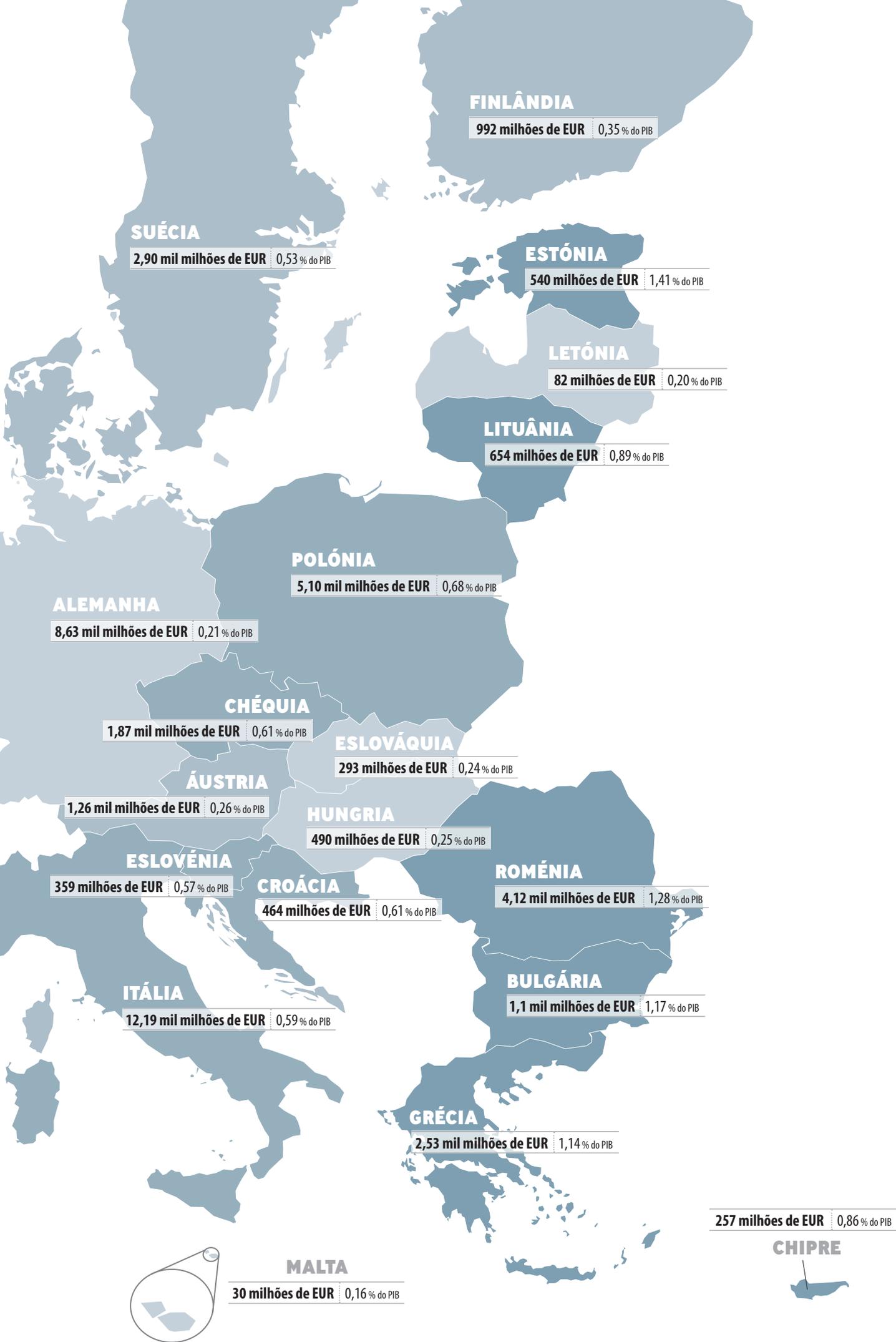
Pessoas com menor exposição à seca

Os dados referem-se aos resultados esperados das novas operações de financiamento assinadas em 2023 pela primeira vez, com base nos dados disponíveis nesta fase. Os dados financeiros não foram auditados, sendo, por conseguinte, provisórios.

O BEI NO SEU PAÍS

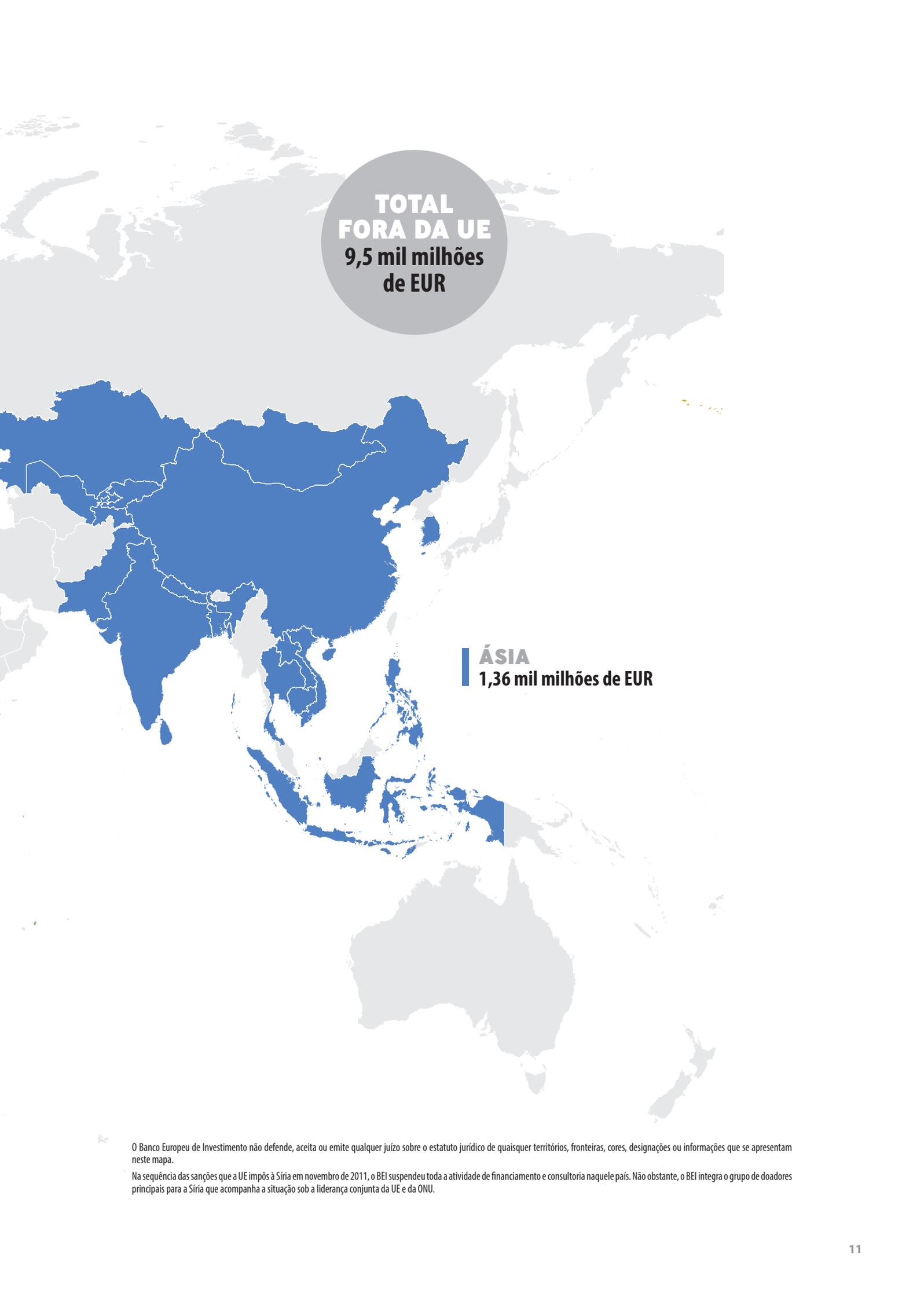


As cores mais escuras indicam um investimento mais elevado em percentagem do PIB.



O BEI NO RESTO DO MUNDO





**TOTAL
FORA DA UE
9,5 mil milhões
de EUR**

**ÁSIA
1,36 mil milhões de EUR**

O Banco Europeu de Investimento não defende, aceita ou emite qualquer juízo sobre o estatuto jurídico de quaisquer territórios, fronteiras, cores, designações ou informações que se apresentam neste mapa.

Na sequência das sanções que a UE impôs à Síria em novembro de 2011, o BEI suspendeu toda a atividade de financiamento e consultoria naquele país. Não obstante, o BEI integra o grupo de doadores principais para a Síria que acompanha a situação sob a liderança conjunta da UE e da ONU.

PLANOS

PARA DISPOSITIVOS REVOLUCIONÁRIOS

“ Em 2023, as tensões geopolíticas afetaram profundamente o ecossistema de inovação europeu, incluindo o seu financiamento. O BEI continuou a prestar um apoio essencial a empresas na fase inicial do seu desenvolvimento e a empresas altamente inovadoras por toda a Europa em setores estratégicos como as ciências da vida, o espaço, o clima, a inteligência artificial e a computação quântica. O BEI tornou-se um líder inquestionável neste segmento crucial do mercado. O nosso apoio direto viabilizou a permanência de muitas PME inovadoras na Europa, criou emprego e preservou o saber-fazer frequentemente gerado nas excelentes universidades e centros de investigação europeus. Cada vez mais, a comunidade de investimento vê o Banco como um potencial investidor principal. É exatamente este o papel catalisador que pretendemos desempenhar num segmento onde se verifica uma grande falha do mercado. ”

Yu Zhang, chefe da Divisão Indústria 4.0 e Ciências da Vida do BEI

“ O nosso financiamento tem um forte impacto na vida dos cidadãos europeus. O investimento em investigação, inovação e desenvolvimento é crucial para todos os setores da economia. O BEI desempenha um papel fundamental na promoção de projetos inovadores e sustentáveis que impulsionam o crescimento económico e, conseqüentemente, melhoram a vida dos membros das comunidades que servem. Estas operações são para nós motivo de grande orgulho. ”

Gilles Badot, diretor dos Departamentos do Mar Adriático e da Região Ibérica do BEI

“ Este ano, os Serviços de Aconselhamento desempenharam um papel crucial, ajudando empresas e projetos específicos a prepararem-se para o financiamento e apoiando o desenvolvimento de um ecossistema forte em setores de alta tecnologia fundamentais. Promovemos a ligação entre promotores, investidores e a Comissão Europeia em diversos setores, que vão do espaço à cibersegurança e do hidrogénio à defesa. ”

Juan Magaña-Campos, chefe da Divisão de Aconselhamento em Financiamento Empresarial do BEI

Os inovadores escrutinam os processos que outros assumem como um dado adquirido. Questionam esses processos e traçam um caminho melhor. E a melhoria é tão extraordinária que os outros, ao serem confrontados com esse novo caminho, não compreendem como lhes passou despercebido. O Banco Europeu de Investimento procura estes inovadores e oferece-lhes as ferramentas necessárias para darem asas à sua criatividade e transformarem as nossas vidas. Desde os cuidados que recebemos nos hospitais àquilo que comemos ao pequeno-almoço, estes inovadores melhoram a nossa vida.

QUANDO A DOCUMENTAÇÃO MÉDICA É UMA QUESTÃO DE VIDA OU DE MORTE

Uma empresa médica alemã em fase de arranque utiliza a inteligência artificial para reduzir o tempo dedicado às tarefas administrativas e melhorar os cuidados prestados aos doentes

No início da década de 2010, Wieland Sommer começou a trabalhar num dos maiores hospitais da Europa, o LMU Klinikum, em Munique. Não obstante o seu entusiasmo, este jovem radiologista rapidamente se apercebeu de que, em vez de se concentrar nos seus doentes, passava a maior parte do seu tempo embrenhado em tarefas administrativas. «Não era a melhor forma de utilizar o meu tempo», afirma. Foi então que teve uma ideia: recorrer à tecnologia digital para uniformizar os relatórios e minimizar o tempo despendido na sua elaboração.

É uma ideia que pode ter um grande impacto, já que as tarefas administrativas ocupam, em média, mais de um terço das horas de trabalho de um médico. E embora o rácio de médicos por habitante na Europa seja superior à média do resto do mundo, 40 % destes profissionais estão prestes a atingir a idade de reforma. A iminente escassez de médicos na Europa é preocupante, pelo que estes têm de utilizar o seu tempo da melhor forma possível.

Os radiologistas como Wieland Sommer estão entre os profissionais com maior procura. Devido ao envelhecimento da população, é necessário realizar cada vez mais procedimentos de imagiologia médica, mas mais de 80 % dos sistemas de saúde queixam-se da falta de médicos radiologistas. E estes, por sua vez, perdem muito tempo a elaborar relatórios porque os métodos de documentação estão desatualizados. «Normalmente, começamos com um documento em branco, olhamos para as imagens e ditamos a nossa análise», explica Wieland Sommer. Cada médico tem o seu próprio estilo e a normalização é praticamente inexistente.

Em 2014, Wieland Sommer fundou a sua própria empresa, a Smart Radiology. Em conjunto com engenheiros de *software*, desenvolveu modelos que podem ser atualizados regularmente, permitindo assim que os clínicos tenham sempre acesso às informações mais relevantes.

Digitalização dos cuidados de saúde

Decorrida uma década, a empresa alargou a sua atividade a outras áreas para além da radiologia e passou a denominar-se Smart Reporting. Conta com mais de 80 colaboradores, incluindo um número significativo de médicos, e o seu *software* tem acima de 15 000 utilizadores em mais de 90 países. **O Banco Europeu de Investimento está a apoiar a expansão da Smart Reporting com um financiamento de dívida de risco no montante de 15 milhões de EUR, garantido pelo programa InvestEU**, que ajuda empresas europeias inovadoras a mobilizarem investimento e contribui para a concretização da agenda de sustentabilidade da União Europeia. «É possível tornar o setor da saúde ainda mais eficiente. Para nós, este *software* não só é uma ótima solução para alcançar esse objetivo como também representa um passo em frente na tão necessária digitalização dos cuidados de saúde», observa Gergely Krajcsi, o gestor de empréstimos do banco da UE que acompanha o projeto.

A empresa afirma que o seu *software* pode poupar até 90 % do tempo que os médicos dedicam à documentação e reduzir em 30 % o tempo que os médicos requisitantes despendem na interpretação de relatórios não normalizados. Trata-se literalmente de uma questão de vida ou de morte. Estudos demonstram que a introdução de relatórios normalizados na área da patologia permitiu reduzir em 4,3 % a mortalidade dos doentes. Cristina Niculescu, especialista em ciências da vida do Banco Europeu de Investimento, acrescenta: «Outro dos motivos que nos levaram a financiar a empresa é o seu potencial para melhorar os cuidados de saúde através de uma abordagem baseada em dados que facilita os diagnósticos e aumenta a sua exatidão.»

DA FICÇÃO CIENTÍFICA À REALIDADE CIENTÍFICA

Novo implante cerebral de grafeno para tratar distúrbios neurológicos

A implantação de *chips* no cérebro humano é, há muito, um tema recorrente nas obras de ficção científica. Uma rápida pesquisa na IMDb, a base de dados cinematográfica da Internet, revela que existem, pelo menos, 55 filmes e séries de televisão em que figuram implantes cerebrais. Porém, agora, os implantes de *chips* no cérebro estão prestes a integrar a crescente lista de tecnologias que passaram da ficção científica à realidade científica e, talvez ainda esta década, proporcionarão soluções revolucionárias para satisfazer uma necessidade médica cada vez mais premente. A INBRAIN, uma empresa espanhola em fase de arranque, prepara-se para dar início aos ensaios clínicos em humanos de um implante cerebral à base de grafeno, um material revolucionário altamente condutor que é 200 vezes mais resistente do que o aço e tem apenas a espessura de um átomo. «A grande vantagem do grafeno é o facto de nos permitir fabricar um sistema de *chips* minimamente invasivo e com elevada biocompatibilidade, que apresenta uma sensibilidade e uma resolução do sinal neural incríveis sem consumir muita energia», explica Carolina Aguilar, diretora executiva da INBRAIN.

O grafeno consiste essencialmente numa única camada de átomos de carbono dispostos numa estrutura reticular hexagonal. Um milhão de vezes mais fino do que um fio de cabelo humano, é um material bidimensional com propriedades mecânicas, elétricas e térmicas excecionais. Apesar da sua transparência ótica, é suficientemente denso para ser impermeável a gases e é excepcionalmente resistente, tendo um enorme potencial de utilização em vários domínios, como a eletrónica, o armazenamento de energia e a biomedicina.

O *chip* da INBRAIN contém interfaces neurais semelhantes à pele humana feitas de grafeno e um processador neural recarregável sem fios que, em conjunto com *software* avançado de aprendizagem automática, permite o mapeamento, a descodificação e a modulação dos sinais neurais gerados no cérebro. O sistema consegue identificar sinais elétricos irregulares no cérebro, que, no caso da doença de Parkinson, provocam tremores incontroláveis, rigidez ou instabilidade postural. Emite então impulsos elétricos para modular esses sinais e, desse modo, controla os sintomas em tempo real. No futuro, o sistema terá também capacidade para traduzir em palavras o pensamento de doentes com afasia pós-AVC ou outras doenças paralisantes. «O potencial é enorme», afirma Valeria Iansante, especialista em ciências da vida do Banco Europeu de Investimento, que, **em 2023, concedeu à INBRAIN um empréstimo sob a forma de dívida de risco no montante de 20 milhões de EUR** para satisfazer as necessidades de tesouraria que a empresa possa vir a ter no futuro, complementando a sua bem-sucedida campanha de captação de capital de risco. «O potencial impacto desta tecnologia no tratamento de distúrbios neurológicos como a doença de Parkinson – e, possivelmente, também da epilepsia ou até mesmo da depressão – é tão significativo que justifica o financiamento já nesta fase.»

O Banco Europeu de Investimento não foi o único a reconhecer o potencial da tecnologia da INBRAIN. Em 2021, a Merck, a empresa farmacêutica mais antiga da Europa, assinou com aquela empresa um acordo de cooperação no domínio das terapias bioeletrónicas de estimulação do nervo vago para tratar doenças crónicas, como as doenças inflamatórias.

Sediada em Barcelona, a INBRAIN é um exemplo de sucesso europeu da investigação financiada por fundos públicos e do mundo da alta tecnologia daquela cidade. A empresa é uma *spin-off* do Instituto Catalão de Nanociência e Nanotecnologia de Barcelona, tendo sido financiada no quadro da iniciativa emblemática da União Europeia «Graphene Flagship», um programa de investigação de mil milhões de EUR com uma duração de dez anos, que foi lançado em 2013 para promover e coordenar a investigação sobre o grafeno em toda a União Europeia.

MAIS UM PASSO NO SENTIDO DA ECONOMIA CIRCULAR

O plástico fabricado a partir de combustíveis fósseis é um dos principais contribuidores para as alterações climáticas, e os resíduos de plástico são um problema ambiental grave. A Infinity Recycling declarou guerra ao plástico

Jeroen Kelder dedicou a maior parte da sua carreira profissional ao financiamento das empresas e ao investimento, tendo apoiado pequenas e médias empresas e investido em setores económicos fundamentais, como os cuidados de saúde e as energias renováveis. Com a crescente importância dada à circularidade, apercebeu-se de que muitas das coisas que tinha aprendido poderiam ser aplicadas à transição para uma utilização eficiente dos recursos, em especial dos plásticos. «Atualmente, a Europa recicla apenas uma pequena percentagem do plástico», afirma Jeroen Kelder. «Neste momento, não dispomos de soluções para reciclar adequadamente os nossos resíduos em fim de vida, pelo que uma grande parte é incinerada ou enviada para aterro, o que é uma pena porque entre 7 % e 9 % das emissões mundiais de CO₂ são provenientes dos plásticos. No entanto, é possível minimizar facilmente este problema.»

Embora a tecnologia de reciclagem avançada já exista há vários anos, as operações têm-se caracterizado por uma «dimensão reduzida, custos excessivamente elevados e ineficiência. Dada a natureza disruptiva da transição de uma economia linear centralizada para uma economia circular descentralizada, é pouco provável que a atual indústria acolha uma mudança de braços abertos», observa Jeroen Kelder. «O que o setor precisa é de capital de risco independente e de apoio prático.»

Foi por este motivo que, em 2019, Jeroen Kelder contactou o Fundo Europeu de Investimento para apresentar a ideia da sua empresa de investimento, a Infinity Recycling. Em 2023, **o FEI investiu 50 milhões de EUR no Circular Plastics Fund da Infinity Recycling**, um dos maiores investimentos que alguma vez realizou no primeiro fundo de um novo gestor. Graças a este investimento, o fundo está no bom caminho para alcançar a sua dimensão-alvo de 150 milhões de EUR.

O plástico gera uma pegada ambiental enorme e representa uma grave ameaça para os ecossistemas e *habitats*, sendo responsável por 80 % da poluição marinha. Não obstante o impacto negativo dos resíduos deste material, prevê-se que a utilização do plástico triplique até 2060. O Circular Plastics Fund, um dos primeiros fundos europeus dedicado à reciclagem do plástico, está na vanguarda das tecnologias de reciclagem avançada capazes de resolver o problema e de viabilizar a transformação dos resíduos plásticos de modo a devolvê-los ao seu estado original para serem utilizados como matérias-primas, fechando assim o ciclo industrial.

«O compromisso significativo que o Fundo Europeu de Investimento assumiu com o fundo deverá enviar um claro sinal positivo para os mercados e é consentâneo com o nosso objetivo de criar um ecossistema de investidores europeus especializado em domínios estratégicos fundamentais relacionados com o clima e o ambiente que não dispõem de recursos suficientes», afirma João Ramos, gestor de investimentos da equipa do Fundo Europeu de Investimento dedicada ao investimento em capitais próprios e às garantias.

O Fundo Europeu de Investimento continuou a intensificar a sua atividade de investimento em fundos com impacto climático e ambiental e, em 2023, autorizou quase mil milhões de EUR de investimentos em mais de 25 fundos de capital de risco e de *private equity*, duplicando assim o montante disponibilizado em 2022. Com os seus investimentos em fundos, o Fundo Europeu de Investimento pretende colmatar défices de financiamento persistentes em mercados-chave e em mercados carenciados, apoiando novos fundos nos setores agroalimentar, da energia, da economia circular e da economia azul. O FEI dedica também especial atenção à urgente falta de capital para financiar o crescimento em fases mais avançadas e a expansão de tecnologias climáticas e ambientais, tendo apoiado vários fundos novos que visam este segmento crítico do mercado.

CAPITAL DE RISCO PARA FINANCIAR A EXPANSÃO DAS EMPRESAS

A Iniciativa Campeões Tecnológicos Europeus irá financiar a expansão de empresas tecnológicas europeias e desenvolver o mercado europeu de capital de risco

Muitas empresas europeias em fase de arranque têm dificuldade em captar o capital necessário à sua expansão e desenvolvimento.

Um quarto das operações de capital de risco europeias têm, pelo menos, um investidor norte-americano. As empresas em fase de arranque são forçadas a deslocar-se para mercados de capitais profundos nos Estados Unidos e na Ásia ou a venderem-se a rivais de maior dimensão com mais recursos financeiros. Nos Estados Unidos existem três vezes mais fundos de capital de risco em posição de investir entre 200 milhões e 500 milhões de EUR do que na Europa. Na categoria de 500 milhões a 1 000 milhões de EUR ou mais, o número de fundos é seis a oito vezes superior nos Estados Unidos. Em consequência, as empresas em fase de arranque conseguem normalmente captar cinco vezes mais capital nos Estados Unidos do que na Europa.

A fim de colmatar este défice de investimento, o Grupo Banco Europeu de Investimento criou uma plataforma de investimento para impulsionar o capital de risco na Europa: a Iniciativa Campeões Tecnológicos Europeus.

Gerida pelo Fundo Europeu de Investimento, a subsidiária do banco da UE que concede financiamento por capitais próprios, sobretudo às empresas de menor dimensão, a Iniciativa Campeões Tecnológicos Europeus assegurou compromissos iniciais no montante de 3,75 mil milhões de EUR junto da Alemanha, França, Itália, Espanha, Bélgica e do Grupo Banco Europeu de Investimento.

A iniciativa ajudará fundos europeus de capital de risco para empresas em fases mais avançadas a adquirirem visibilidade e a crescerem, de modo a poderem canalizar capital de expansão indispensável para inovadores promissores na Europa.

Prevê-se que a Iniciativa Campeões Tecnológicos Europeus realize entre 10 e 15 investimentos em grandes fundos de capital de risco no montante de cerca de mil milhões de EUR. O objetivo é mobilizar mais de 10 mil milhões de EUR de investimento em empresas inovadoras em fase de crescimento.

A iniciativa dedicar-se-á também à criação de uma classe de ativos para atrair investidores institucionais e contribuir para a manutenção de um fluxo contínuo de financiamento para empresas europeias em fase de expansão.

Espera-se que, à medida que forem sendo assumidos novos compromissos, a dimensão do fundo cresça.

«É fundamental que as empresas inovadoras tenham acesso ao capital próprio de que necessitam aqui na Europa», afirma Marjut Falkstedt, diretora executiva do Fundo Europeu de Investimento.

INOVAÇÕES QUE FICAM NO OUVIDO

A Amplifon, uma empresa italiana especializada em soluções auditivas, investe na digitalização para servir uma população com problemas auditivos cada vez mais numerosa, ao passo que a Neuromod da Irlanda desenvolve um tratamento para os acúfenos

Marco Giachetti ainda não tinha 40 anos quando começou a perder a audição. «Nos encontros com a família ou com amigos, comecei a isolar-me cada vez mais porque tinha dificuldade em participar nas conversas», confessa Marco Giachetti, agora com 67 anos. «Os ambientes ruidosos incomodavam-me muito, até mesmo as idas ao cinema ou ao teatro.»

Marco Giachetti recorreu à Amplifon, uma empresa multinacional especializada em soluções auditivas com sede em Itália, onde um audiologista lhe colocou um aparelho. A sua história não é um caso isolado. Cerca de 1,5 mil milhões de pessoas apresentam algum grau de perda auditiva e 430 milhões de pessoas – mais de 5 % da população mundial – sofrem de perda auditiva incapacitante. Prevê-se que este número aumente para 700 milhões até 2050. A perda de audição não tratada implica custos que atingem quase um bilião de dólares por ano a nível mundial em termos de encargos para o setor da saúde e a sociedade, de perda de produtividade e de apoio educativo. À medida que a população envelhece, é importante investir em dispositivos que melhorem a vida das pessoas afetadas.

Investimento na saúde

Em julho de 2023, o Banco Europeu de Investimento assinou um empréstimo de 300 milhões de EUR com a Amplifon, a fim de ajudar a empresa a continuar a inovar, digitalizar e melhorar os seus serviços. «Trata-se de um investimento na economia grisalha», afirma Radek Ossowski-Barbetti, o gestor de empréstimos sénior do Banco Europeu de Investimento que esteve na origem da operação. O investimento beneficiará os clientes da Amplifon na Europa e no resto do mundo, mas grande parte dele será canalizado para regiões de coesão, em conformidade com a política da Europa de investir nas suas regiões economicamente mais frágeis a fim de melhorar o nível de vida das populações.

A Amplifon pretende utilizar dados para criar «uma experiência audiológica mais personalizada», explica Enrico Vita, diretor-geral da Amplifon. «Os dados que recolhemos permitem-nos conhecer melhor os nossos clientes e compreender como usam os seus aparelhos auditivos. E, graças a estas informações, podemos melhorar o nosso serviço, por exemplo, através de tratamentos de acompanhamento personalizados e da prestação de cuidados à distância.»

“ Os ambientes ruidosos incomodavam-me muito. ”

Tratamento dos acúfenos

Outro problema auditivo que afeta entre 10 % e 15 % da população adulta mundial são os acúfenos, ou seja, a perceção de sons-fantasma sem que exista um estímulo externo. Estes sons são geralmente descritos como «campainhas», «apitos», «zoadas» ou «zumbidos». A Neuromod Devices, uma empresa localizada na Irlanda, desenvolveu um

aparelho que associa a estimulação da língua e a estimulação sonora para ajudar a atenuar os acúfenos. A empresa apelidou esta dupla estimulação de «neuromodulação bimodal».

Em março de 2023, o Banco Europeu de Investimento assinou um acordo de dívida de risco de 15 milhões de EUR com a Neuromod para que a empresa possa continuar a desenvolver o dispositivo e lançar a sua comercialização noutros países europeus.

UM NOVO INSTRUMENTO DE DIAGNÓSTICO PARA O CANCRO DA MAMA

Uma empresa polaca está a desenvolver um instrumento inovador que permite diagnosticar o cancro da mama em menos de uma hora

Magdalena Staniszewska e Marcin Staniszewski inventaram um dispositivo potencialmente revolucionário para detetar o cancro da mama. Porém, a ideia inicial nada tinha que ver com o cancro da mama. Tudo começou com o olho... e a NASA.

Magdalena formou-se em Imunoquímica, mas a sua paixão é a Biologia Celular. Em 2012, trabalhava no prestigiado Pierce Lab na Harvard Medical School em Boston, onde se dedicava à investigação sobre doenças oculares. Marcin tinha concluído recentemente o seu Mestrado em Engenharia na Akron University no Ohio. Foi durante a sua colaboração com a NASA num projeto que utilizava novos materiais compósitos para os motores dos veículos espaciais que nasceu o seu interesse pelas possíveis aplicações das tecnologias de fibra ótica no espaço. Ao jantar, as conversas giravam frequentemente em torno de temas científicos. O casal teve então a ideia de utilizar a fotónica para detetar a presença de marcadores de várias doenças no corpo sem necessidade de extrair células ou tecido. Em vez disso, poderiam ser utilizadas fibras óticas para medir, em tempo real, marcadores de doenças no corpo, como aqueles que estão presentes em redor de um tumor. «Foi assim que desenvolvemos a ideia de criar um instrumento de diagnóstico inovador que permitisse medições diretas nos tecidos vivos», recorda Magdalena Staniszewska.

A sua empresa, a SDS Optic, passou a última década a desenvolver um instrumento de diagnóstico, o inPROBE. Inserido no corpo, este instrumento deteta, em menos de uma hora, a presença de um tipo agressivo de cancro da mama denominado HER2 positivo. Numa biópsia tradicional, as mulheres têm de esperar dias ou semanas pelo resultado. Um diagnóstico precoce melhora o sucesso de tratamentos desenvolvidos recentemente para o cancro HER2 positivo.

«O cancro chamou-nos à atenção porque existia uma grande necessidade neste domínio», explica Magdalena, diretora científica da empresa. O número de casos estava a aumentar a nível mundial, mesmo entre mulheres jovens. «Era um cenário assustador e, obviamente, tocava-me a nível pessoal.»

Uma agulha de biópsia muito fina, que contém um sensor de fibras nanométrico, é inserida no corpo perto do tumor ou de células potencialmente cancerígenas. O sensor, que tem a espessura de um fio de cabelo, mede a presença de um determinado biomarcador, o que torna o processo mais seguro e também muito menos doloroso e invasivo do que uma biópsia tradicional. Os dados recolhidos pela sonda são transferidos por fibra ótica para um dispositivo de diagnóstico que deteta a presença de cancro pelos níveis de certos marcadores, como a proteína HER2.

«O cancro da mama é o tipo de cancro mais comum entre as mulheres. Todos os anos, são diagnosticados cerca de 2 milhões de casos e registadas mais de 650 000 mortes», afirma Rebecca Verdin-Pol, gestora de investimentos na Unidade de Ciências da Vida e Biotecnologia do Banco Europeu de Investimento. **O Banco Europeu de Investimento concedeu à SDS Optic um empréstimo de 10 milhões de EUR sob a forma de dívida de risco, coberto por uma garantia do programa InvestEU.**

«A possibilidade de fazer um diagnóstico em tempo real com um elevado grau de precisão é uma verdadeira revolução», afirma Rebecca Verdin-Pol.

DRONES MOVIDOS A ENERGIA SOLAR

Uma empresa espanhola está a desenvolver o primeiro drone não tripulado totalmente elétrico a energia solar, abrindo as portas a novas aplicações no domínio das informações e da vigilância

Robert Miller é um veterano da indústria aeroespacial que desenvolveu e utilizou máquinas voadoras na deteção geoespacial, nas comunicações e em estudos ambientais. Dedicou vários anos à investigação sobre tecnologias para a vigilância de fronteiras marítimas e de zonas de vegetação densa, como as selvas e as florestas. Essa vigilância é importante tanto para fins civis como de defesa. Mas a diversidade dos ambientes, como é o caso das zonas onde a folhagem é densa, pode dificultar a recolha, a compreensão e a análise da informação.

Robert Miller apercebeu-se de que a solução para este problema residia na combinação de informações provenientes de vários sensores. No entanto, para tal seria necessária uma aeronave de baixa velocidade, capaz de percorrer longas distâncias e de manter a estabilidade de voo, o que permitiria que as câmaras e os sensores recolhessem informações muito mais detalhadas e úteis graças à maior fidelidade das imagens. Contudo, essa tecnologia ainda não existia.

Tudo mudou em 2016, quando Bertrand Piccard e André Borschberg realizaram a primeira viagem à volta do mundo numa aeronave solar. Robert Miller concluiu que essa aeronave era exatamente o que procurava e reconheceu o seu

potencial para revolucionar a indústria da defesa aérea. Em 2019, a Skydweller, empresa fundada por Robert Miller e pelo seu sócio, John Parker, adquiriu a aeronave criada por Piccard e Borschberg, juntamente com todos os direitos de propriedade intelectual conexos. «A aeronave é leve e tem uma autonomia extraordinária dado ser movida a energia solar. Além disso, desloca-se lentamente porque funciona como um planador», explica Massimiliano Manfreda, uma das primeiras nove pessoas a integrar a Skydweller aquando da sua fundação. «A única limitação era o piloto. A nossa primeira grande ideia foi eliminar o piloto e transformar a aeronave num sistema não tripulado.»

“ **A nossa primeira grande ideia foi transformar a aeronave num sistema não tripulado.** ”

Em parceria com a Leonardo, sua sócia tecnológica italiana, a Skydweller pretende começar a comercializar o drone em 2024. **O Banco Europeu de Investimento está a**

apoiar a Skydweller com um empréstimo de 30 milhões de EUR sob a forma de dívida de risco, assinado em novembro de 2023. O financiamento beneficia do apoio de uma garantia do programa InvestEU. «Nenhum outro drone movido a energia solar tem capacidade para transportar cargas úteis semelhantes», afirma Björn Werner, economista do Banco Europeu de Investimento que acompanhou esta operação. «Alimentado por uma combinação de energia solar e baterias, este veículo aéreo não tripulado tem capacidade para permanecer em voo durante vários dias sem ter de aterrizar ou de se reabastecer, abrindo assim um horizonte de novas possibilidades.»

Com uma enorme envergadura de 72 metros, a aeronave é maior do que aviões de passageiros como o Airbus A330. As asas estão cobertas por quase 300 metros quadrados de células fotovoltaicas para aproveitar a energia solar renovável. A aeronave conta igualmente com quatro baterias com uma capacidade de 7 075 kWh de energia, o equivalente às baterias de dois veículos elétricos Tesla.

Os drones movidos a energia solar poderiam revolucionar a aviação, abrindo caminho para a descarbonização dos voos de longo curso. Uma vez que têm capacidade para voar durante longos períodos e cobrir áreas mais extensas, estas aeronaves são úteis em zonas remotas onde as fontes tradicionais de energia poderão ser escassas.

Graças ao apoio do Banco Europeu de Investimento, a empresa poderá aperfeiçoar a sua tecnologia e comercializar a aeronave. «O financiamento concedido também ajudará a empresa a tornar-se um dos principais fornecedores de aeronaves não tripuladas», afirma Fabrizio Morgera, gestor de investimentos sénior do Banco Europeu de Investimento.

UM SERVIÇO SIMPÁTICO, EFICAZ E RÁPIDO

O primeiro banco italiano totalmente digital baseado na nuvem financia pequenas empresas no Mezzogiorno – especialmente aquelas que se dedicam à ação climática

Fundado em 2019 e liderado por Corrado Passera, ex-ministro do Desenvolvimento Económico, o illimity, um banco baseado na nuvem, cresceu rapidamente e tornou-se uma incubadora de iniciativas pioneiras como o b-ilty, o primeiro programa italiano de empréstimos em linha para pequenas empresas. «Queríamos superar as limitações dos bancos de empresas tradicionais e ajudar os pequenos empresários a ultrapassar alguns dos obstáculos que atualmente enfrentam no seu dia a dia», explica Corrado Passera.

O empréstimo de 100 milhões de EUR que o Banco Europeu de Investimento assinou com o illimity em abril permitirá ao b-ilty investir esse montante em pequenas empresas estabelecidas no Mezzogiorno, a região sul e ilhas de Itália, bem como em empresas que contribuem para a luta contra as alterações climáticas. É a segunda vez que esta empresa inovadora recorre ao banco da UE para obter financiamento. Em 2021, tinha beneficiado de apoio para combater o impacto económico da COVID-19 nas pequenas empresas.

Enquanto os bancos de retalho italianos avançaram, há já algum tempo, para a digitalização, os bancos de empresas só agora começaram a adotar estas tecnologias. Lançada em fevereiro de 2022, a plataforma de banca digital do b-ilty oferece uma gama completa de serviços para as pequenas empresas, tais como pedidos de empréstimo simplificados e contabilidade e relatórios uniformes. As empresas têm uma visão global de todos os seus ativos e podem aceder aos seus indicadores financeiros numa questão de segundos.

«As pequenas empresas podem concentrar-se em tarefas importantes que são fundamentais para a sua atividade, ao invés de perderem tempo com processos bancários baseados em papel», observa Roberto Stasi, gestor de empréstimos do Banco Europeu de Investimento que acompanhou as operações do illimity.

As condições favoráveis do empréstimo concedido pelo Banco Europeu de Investimento ao b-ilty são transferidas para as pequenas empresas: 30 % dos recursos irão beneficiar pequenas empresas nas regiões de coesão da UE, nomeadamente Molise, Campânia, Apúlia, Basilicata, Calábria, Sicília, Sardenha, Abruzo, Úmbria e Marcas.

«Consideramos que é uma excelente forma de apoiar o crescimento de um banco regional europeu e de reforçar o financiamento verde destinado a projetos de menor dimensão», afirma Tatiana Bosteels, a economista do Banco Europeu de Investimento que acompanha a operação. «Gostaríamos de estabelecer uma relação duradoura com o b-ilty para financiar mais e maiores projetos de ação climática no futuro.»

Um banco digital com um toque humano

É fundamental explorar o enorme potencial das pequenas empresas. Por isso, o illimity não se limita a emprestar-lhes dinheiro, participando também ativamente nas suas estratégias de crescimento. O b-ilty concentra-se nas necessidades de um milhão de pequenas empresas, um segmento tradicionalmente mal servido em Itália. Presta apoio a várias empresas em todo o país sem ter de suportar as despesas gerais associadas a sucursais físicas. A plataforma é capaz de analisar rapidamente dezenas de indicadores e fornecer aos pequenos empresários respostas claras em matéria de crédito. Em poucos dias, uma empresa fica a saber se tem ou não direito a um empréstimo, e porquê.

«Queremos prestar um serviço simpático, eficaz e rápido», afirma Corrado Passera.

ACABAR COM O ABATE DE PINTOS MACHOS

Uma empresa neerlandesa oferece aos centros de incubação uma solução rápida e económica para o problema da identificação de pintos machos antes da eclosão

Wouter Bruins procurava um problema concreto para resolver. Para a sua tese de mestrado em Biologia Celular, na Universidade de Leiden, precisava de uma ideia suscetível de resultar na criação de uma empresa em fase de arranque. Wouter Bruins procurou inspiração junto dos agricultores da sua região natal de Randstad, nos Países Baixos. Um dia, quando lhe mostrava o galinheiro, um agricultor parou e, apontando para as aves, disse-lhe: «Por cada galinha que vê aqui, matámos um galo, um pinto macho. É uma prática que detesto.»

O agricultor referia-se aos cerca de 6,5 mil milhões de pintos machos que são abatidos todos os anos a nível mundial, geralmente quando têm apenas um dia. Os produtores de ovos, que criam também galinhas poedeiras, não têm uma forma rápida e económica de determinar o sexo do embrião ainda no ovo. Após a eclosão, os trabalhadores da exploração verificam o sexo dos pintos e removem as fêmeas. Os machos são imediatamente abatidos, seja numa trituradora ou, se tiverem sorte, numa câmara de gás. «Depois de ter considerado cada um dos problemas que anotei na sequência de todas as entrevistas realizadas, decidi-me pelo abate dos pintos», afirma Wouter Bruins. «É um tema que combina desafios tecnológicos e empresariais, mas também envolve questões éticas. Quando nos deparamos com esta realidade, sentimos, a um nível visceral, que não é uma prática aceitável.»

“ Este é um daqueles problemas óbvios que precisa de ser resolvido. ”

Wouter Bruins instalou-se no seu apartamento em Leiden e começou a trabalhar numa solução. Em conjunto com Wil Stutterheim, um colega do curso de Ciências Biomédicas, fundou a In Ovo e, nos últimos 12 anos, os dois têm trabalhado numa solução rápida e económica para os agricultores determinarem o sexo de um ovo fertilizado. O resultado desse trabalho é a Ella, uma máquina que determina o sexo de um ovo a partir do nono dia de incubação furando a casca e extraindo uma minúscula amostra de fluido. A primeira máquina foi testada com sucesso em 2020, permitindo a eclosão de 300 000 pintos sem que fosse abatido um único macho. Agora, em fase de expansão, a In Ovo pretende instalar dez máquinas nos centros de incubação de produtores de ovos até ao final de 2024.

«Para um biólogo que compreenda a genética e que tenha uma ligação com o setor agrícola, este é um daqueles problemas óbvios que precisa de ser resolvido», afirma Diogo Machado Mendes, economista sénior da Divisão de Bioeconomia do Banco Europeu de Investimento. **O banco da UE apoia a In Ovo com um investimento sob a forma de dívida de risco no montante de 40 milhões de EUR, que beneficia de uma garantia do programa InvestEU.**

Testes rápidos a baixo custo

A máquina determina o sexo dos pintos do seguinte modo. Em primeiro lugar, faz um furo minúsculo no ovo com uma agulha e extrai uma pequena quantidade de líquido da alantóide, o saco para onde são excretados os dejetos do embrião. Esse furo é imediatamente selado com cola. No espaço de um segundo, a máquina determina o sexo utilizando um espectrómetro de massa para testar a amostra a fim de identificar um biomarcador único que a In Ovo descobriu. Em seguida, separa os ovos por sexo. As fêmeas são repostas na incubadora até à sua eclosão no 21.º dia. Os machos são enviados para outra empresa que os utiliza como ingredientes nos alimentos para animais de companhia.

“ É um tema que combina desafios tecnológicos e empresariais, mas também envolve questões éticas. ”

Segundo Wouter Bruins, um centro de incubação produz normalmente cerca de 20 milhões de pintos por ano. O desafio da In Ovo consistia em tornar os testes mais acessíveis e suficientemente precisos para poderem ser usados por esses centros. Embora a tecnologia para determinar o sexo de um embrião já existisse há dez anos, a sua utilização implicava custos demasiado elevados. «Era como se a minha intuição me dissesse que esta ideia tinha um enorme potencial», confessa Wouter Bruins. «Senti que eu podia passar muito tempo a tentar resolver este problema.»

A In Ovo pretende continuar a desenvolver a tecnologia para poder testar os ovos ao sexto dia e não ao nono. Além de determinar o sexo do embrião, a In Ovo também vigia a saúde dos pintos durante o período de incubação. Com o financiamento do Banco Europeu de Investimento, a empresa poderá aperfeiçoar a máquina, lançar mais unidades e apoiar outras inovações no setor avícola.

Os centros de incubação beneficiam também de poupanças significativas em termos de mão de obra porque a determinação do sexo dos pintos é, na maioria dos casos, efetuada manualmente. O teste de um ovo fertilizado tem um custo insignificante, o que é um fator importante numa atividade de volumes elevados e margens baixas como a produção de ovos para consumo. «O abate de pintos é realmente muito penoso de se ver», confessa Céline Rottier, a gestora de empréstimos do Banco Europeu de Investimento que acompanha o projeto. «Mas será que é possível encontrar uma solução que os agricultores estejam dispostos a implementar? Creio que temos aqui a resposta a esta questão.»

PLANOS

PARA UMA EUROPA VERDE

“ A insegurança alimentar, as alterações climáticas e a perda de biodiversidade são falhas do mercado com uma dimensão mundial, que justificam a atenção acrescida que as instituições públicas de financiamento têm dedicado ao investimento no setor da bioeconomia. Em 2023, a ocorrência de fenómenos meteorológicos extremos e a instabilidade geopolítica desencadearam pressões sobre os custos da produção de alimentos e de biomateriais. Temos dado prioridade a projetos que apoiam os agricultores e as pequenas empresas ao longo da cadeia de valor agrícola, bem como à inovação no domínio das tecnologias e práticas climaticamente inteligentes, à redução da pegada ambiental da cadeia de valor alimentar, ao desenvolvimento rural inclusivo e sustentável e a combustíveis e materiais sustentáveis produzidos a partir de resíduos alimentares e da biomassa. Paralelamente a este trabalho, contribuímos, por exemplo, para a resposta à destruição da biodiversidade e dos recursos naturais por incêndios florestais, canalizando um financiamento significativo contínuo para o setor florestal e o capital natural. ”

Felipe Ortega Schlingmann, chefe da Divisão de Bioeconomia do BEI

“ O BEI desempenha um papel fundamental no apoio às cidades que estão a implementar ambiciosas estratégias integradas de desenvolvimento urbano. É assim que as cidades se tornam mais resilientes aos desafios que enfrentam: os fluxos populacionais associados à guerra na Ucrânia, as catástrofes naturais, os conflitos sociais, os fenómenos ambientais, as alterações climáticas e os efeitos atuais da crise financeira e económica. ”

Leonor Berriochoa, engenheira principal da Divisão de Desenvolvimento Urbano do BEI

“ Pelo segundo ano consecutivo, ultrapassámos, antes do prazo estabelecido, as metas em matéria de ação climática e sustentabilidade ambiental definidas e operacionalizadas através do nosso Roteiro do Banco do Clima. Estes resultados continuam a ser apoiados e reforçados através de produtos financeiros adaptados e de políticas visionárias, como a abordagem pioneira adotada pelo BEI em relação à transição justa nos países em desenvolvimento. Tenho orgulho em fazer parte de um banco público que está a contribuir para uma verdadeira mudança. ”

Stephen O'Driscoll, chefe da Divisão de Ambiente, Clima e Assuntos Sociais do BEI

As alterações climáticas e a ameaça ambiental que representam ensombram todos os aspetos das nossas vidas. Projetos e empreendimentos que em tempos se consideravam estanques e pertencentes a um determinado setor ou indústria têm agora de contemplar questões de eficiência energética ou de produção de energia no seu normal funcionamento. As nossas cidades, fábricas e estaleiros de construção têm de ser sustentáveis. As políticas do Banco Europeu de Investimento colocam-nos na vanguarda do apoio a tecnologias verdes e limpas, bem como da promoção da aplicação destas tecnologias a todas as áreas da intervenção humana.

“ A água é o facilitador invisível da transição para uma economia verde. Em 2050, mais de 40 % da população mundial viverá em bacias hidrográficas sujeitas a uma forte pressão sobre os recursos hídricos. A insegurança do abastecimento de água levará provavelmente a subidas drásticas dos preços dos alimentos e a um aumento dos conflitos. É urgente reforçar o investimento público e privado neste setor. Os projetos que financiamos pretendem corrigir falhas do mercado e colmatar défices de investimento, de modo que os recursos disponíveis, já escassos, sejam utilizados para construir sistemas hídricos resilientes às alterações climáticas e maximizar o impacto a longo prazo. ”

Karine Measson, chefe da Divisão de Gestão da Água do BEI

UMA CIDADE VERDE E HUMANA

Cracóvia está a modernizar as infraestruturas urbanas para oferecer uma cidade mais verde aos seus habitantes e ajudar as famílias ucranianas

Durante muito tempo, a poluição atmosférica encobriu a bela cidade de Cracóvia numa nuvem de poeira, degradando a qualidade de vida dos seus habitantes. Para mudar esta situação, Cracóvia está a elaborar um plano urbano que visa transformar a cidade numa metrópole inteligente e com impacto neutro no clima. «Queremos ser vistos como uma cidade de inovação, um polo científico e um centro de investigação e desenvolvimento, um líder do desenvolvimento urbano sustentável e da ação climática», afirma Andrzej Łazęcki, diretor do Departamento de Gestão Municipal e do Clima de Cracóvia.

As infraestruturas de Cracóvia também foram sujeitas a uma pressão inesperada com a chegada de aproximadamente 270 000 refugiados à cidade devido à invasão da Ucrânia pela Rússia. Este afluxo resultou num aumento da procura de infraestruturas e serviços públicos, como a educação, os cuidados de saúde e a habitação. Não obstante a guerra que assolava um país a menos de 300 km de distância, Cracóvia não desistiu dos seus ambiciosos objetivos climáticos. Pelo contrário, pretende prosseguir dois objetivos em simultâneo: tornar a cidade mais verde e, ao mesmo tempo, modernizar e renovar as infraestruturas urbanas para satisfazer as necessidades dos seus munícipes e acolher os ucranianos que chegam ao país. «Podemos aprender muito com a abordagem adotada por Cracóvia para responder às alterações climáticas e à atual crise humanitária», observa Leonor Berriochoa, engenheira sénior do Banco Europeu de Investimento que acompanhou um empréstimo de 130 milhões de EUR (585 milhões de PLN) assinado com a cidade em 2023. «Poderia incentivar muitas outras cidades a seguirem o seu exemplo.»

O desenvolvimento urbano é indispensável para a prosperidade e o crescimento das cidades, podendo igualmente ajudá-las a adaptarem-se e a responderem a uma crise humanitária. «Todas as cidades têm uma capacidade de acolhimento limitada», explica Katerina Zisimopoulou, especialista sénior em urbanismo do Banco Europeu de Investimento. «Por isso, quando uma cidade recebe milhares de pessoas, as infraestruturas existentes no domínio da educação, dos transportes e afins não têm capacidade para responder às necessidades do crescente número de habitantes, o que gera conflitos e resulta na escassez de recursos e numa rápida deterioração das infraestruturas e dos serviços públicos.»

Os projetos de desenvolvimento urbano, que visam a construção de novas infraestruturas públicas e a modernização das existentes de uma forma inclusiva e integrada, são importantes para satisfazer as necessidades da população, nomeadamente ao nível da educação, dos cuidados de saúde e do emprego.

Fazer face a uma crise humanitária

As autoridades locais adaptaram o seu plano de desenvolvimento urbano às crescentes necessidades dos munícipes de Cracóvia e dos ucranianos que, nos últimos anos, refizeram a sua vida nessa cidade. «Concentrámo-nos na integração dos recém-chegados refugiados ucranianos e na sua inclusão em todos os serviços públicos, que têm de ser alargados para os acolher», explica Elżbieta Żurek-Kois, diretora do Departamento de Assuntos Sociais e da Saúde do Município de Cracóvia.

A construção de novas infraestruturas urbanas e a modernização das instalações existentes exigem um investimento considerável, um planeamento minucioso e tempo. A necessidade acrescida de infraestruturas e serviços essenciais para responder às exigências da população de refugiados agrava os encargos financeiros. A fim de apoiar os esforços de Cracóvia, **o Banco Europeu de Investimento aprovou um empréstimo-quadro de 334 milhões de EUR (1 500 milhões de PLN), tendo assinado a primeira parcela de 130 milhões de EUR em agosto.** O financiamento inscreve-se no quadro do Pacote de Solidariedade para a

// Poderia incentivar muitas outras cidades a seguirem o seu exemplo. //

Ucrânia, uma iniciativa que visa financiar investimentos urbanos e regionais nos Estados-Membros da UE em resposta à guerra na Ucrânia. «Cracóvia tem envidado grandes esforços para fazer face à crise humanitária e, ao mesmo tempo, construir uma cidade mais verde», afirma Marcin Futera, gestor de empréstimos do Banco Europeu de Investimento. «Graças ao empréstimo-quadro, podemos financiar vários projetos de dimensões e tipos diferentes em toda a cidade».

Transformar Cracóvia numa cidade mais verde

O município levou a cabo renovações de monta nos seus edifícios, melhorando a sua eficiência energética. Entre as medidas implementadas incluem-se o isolamento e a substituição de janelas e portas, bem como a instalação de iluminação LED, de válvulas termostáticas e de purificadores do ar. Até à data, 43 % dos 323 edifícios públicos geridos pelo município foram totalmente renovados e 34 % foram objeto de intervenções ligeiras ou moderadas de renovação e de eficiência energética.

A abordagem de Cracóvia distingue-se também pela inclusão dos cidadãos no processo de decisão. O município organizou dois painéis de cidadãos, no âmbito dos quais os habitantes puderam discutir com peritos sobre o desenvolvimento de transportes sustentáveis, a redução do consumo de energia e a utilização de fontes de energia renováveis. As recomendações do painel são vinculativas.

«Ao envolvermos todos os nossos munícipes no processo, contribuímos para a consciencialização ambiental da população e compreendemos exatamente quais são as suas necessidades», conclui Andrzej Łazęcki, responsável pela gestão municipal. «Podemos tornar a cidade mais inclusiva e mais agradável para os habitantes e, ao mesmo tempo, mais resiliente a situações imprevisíveis».

UM HOSPITAL SUSTENTÁVEL

RENOVAÇÃO DE UM HOSPITAL NOS PAÍSES BAIXOS REDUZ AS EMISSÕES DE CARBONO

O Centro Médico de Haaglanden é um dos melhores hospitais clínicos dos Países Baixos. Porém, muitos dos seus edifícios precisam de ser renovados para assegurar a prestação de cuidados adequados e melhorar a sua pegada ambiental. Em junho, o hospital da Haia, conhecido como HMC (Haaglanden Medisch Centrum), assinou um empréstimo de 110 milhões de EUR com o Banco Europeu de Investimento, tendo em vista a renovação de dois dos seus edifícios principais e a aquisição de equipamentos e materiais médicos mais modernos, bem como a instalação de novos sistemas de aquecimento e climatização. O objetivo é reduzir as emissões de carbono em 64 %.

Para além de permitir poupar energia, a renovação contribuirá, naturalmente, para melhorar a saúde dos utentes. O centro recebe anualmente mais de 170 000 doentes que vêm de todo o país para serem tratados por especialistas em traumatologia, neurologia ou oncologia. A simples mudança para um sistema de bomba de calor no inverno e de ar condicionado híbrido no verão fará uma grande diferença no consumo de energia do hospital. «Este investimento em bombas de calor e ar condicionado híbrido para reduzir o consumo de energia e os custos é também uma oportunidade para analisarmos o nosso impacto ambiental», afirma Martijn Wiesenekker, diretor financeiro do hospital.

BLOCOS DE ALVENARIA QUE ABSORVEM CARBONO

Quatro empresas belgas reúnem-se num projeto local de economia circular que utiliza subprodutos da siderurgia para criar um bloco de alvenaria que reduz as emissões de dióxido de carbono

Se alguma vez existiu um produto que transformou um problema numa solução, esse produto é o inovador bloco de alvenaria criado por quatro empresas belgas. A maioria dos blocos de betão são fabricados à base de cimento, um material que gera emissões de gases com efeito de estufa. Este inovador bloco belga é fabricado a partir de dióxido de carbono proveniente de outros processos industriais. Absorve dióxido de carbono e transforma-o em algo útil.

A produção de cimento está na origem de 2,4 % das emissões mundiais de dióxido de carbono provenientes de fontes industriais e energéticas. Por este motivo, as quatro empresas, todas elas com instalações perto de Liège, estão a desenvolver em conjunto um produto suscetível de ter implicações significativas para a luta contra o aquecimento global. «O nosso projeto é muito inovador», afirma Antoine Gregoire, gestor de desenvolvimento da Prefer, uma das quatro empresas. «É circular e local.»

“ O nosso projeto é muito inovador. É circular e local. ”

Funcionará da seguinte forma. Quando uma das empresas, a Lhoist, aquece pedra para fazer cal, cria dióxido de carbono. Em vez de o libertar para a atmosfera, enviará o gás por uma conduta gerida pela Fluxys, uma empresa que trabalha habitualmente no transporte de gás natural. Essa conduta de 2 km chegará à Prefer, que fabrica materiais de betão. A

Orbix, que desenvolve materiais sustentáveis para os setores da construção e do aço, recuperará a escória que sobra depois de a cal da Lhoist ser utilizada, por outra empresa, para a produção de aço e enviará essa escória para a Prefer por barco. Por último, a Prefer combinará a escória e o dióxido de carbono para fabricar um bloco. Mais concretamente, o dióxido de carbono será utilizado para endurecer o bloco, um processo que as empresas apelidaram de CO2ncrEAT (um trocadilho com as palavras inglesas «concrete», que significa «betão», e «eat», que significa «comer»), uma vez que o bloco absorve efetivamente o CO₂.

Porém, o desenvolvimento de um projeto industrial inovador é muito dispendioso. De acordo com as estimativas das quatro empresas, o custo ascende a 7,5 milhões de EUR. Procuraram, por isso, obter o apoio do Fundo de Inovação, um programa de financiamento da Comissão Europeia para tecnologias hipocarbónicas inovadoras. As empresas receberam apoio de peritos da equipa do Banco Europeu de Investimento dedicada ao Fundo de Inovação. «Tínhamos de demonstrar que, tendo em conta o contributo dos quatro membros do consórcio, o projeto é economicamente viável», explica Matthieu Banal, consultor financeiro do Banco Europeu de Investimento que trabalhou com as empresas.

A Comissão Europeia envia as candidaturas dos projetos para a equipa do BEI dedicada ao Fundo de Inovação, constituída por peritos dos Serviços de Aconselhamento e da Direção de Projetos do Banco, para assistência técnica e financeira. A Agência de Execução Europeia do Clima, das Infraestruturas e do Ambiente pré-selecionou este projeto para uma subvenção de 4 milhões de EUR no âmbito de um convite à apresentação de propostas do Fundo de Inovação para pequenos projetos. **A convenção de subvenção foi assinada em maio de 2023 e a execução do projeto teve início em junho.** «Sem a subvenção, o desenvolvimento do processo de fabrico destes blocos implicaria custos excessivos», afirma Antoine Gregoire. «Os riscos associados à inovação e as despesas de capital necessárias para construir a fábrica são demasiado elevados.»

TRABALHAR COM, E NÃO CONTRA, A NATUREZA

Soluções baseadas na natureza para controlar as cheias na Grécia

Em setembro de 2023, a região da Tessália, no norte da Grécia, foi assolada, não uma mas duas vezes, por fortes tempestades que provocaram cheias graves. «Tivemos sorte que a segunda tempestade não tenha provocado vítimas mortais porque a primeira destruiu completamente a nossa rede de sensores de alerta precoce», confessa Harry Kalliaras, assessor do presidente da Câmara Municipal de Trikala, uma cidade com cerca de 80 000 habitantes situada no noroeste da Tessália. As tempestades destruíram 150 habitações e provocaram danos graves em mais de 1 000 outras no centro da cidade e nas vilas vizinhas. Após a segunda tempestade, a vida parou durante vários dias naquela cidade com três milénios de história, depois de as autoridades terem ordenado aos habitantes que ficassem em casa para verificarem a segurança das 12 pontes que atravessam o rio Lithaios. Até ao momento, o custo para a região, conhecida como o «cesto do pão» da Grécia, foi estimado em vários milhares de milhões de euros.

A Tessália é frequentemente afetada por cheias. Na década de 1930, tiveram início grandes obras de construção de taludes e diques de betão para canalizar os rios, e a paisagem foi sofrendo transformações profundas até à década de 1970 com o aproveitamento de terras. Porém, estes métodos têm-se revelado claramente insuficientes para assegurar a proteção contra fenómenos meteorológicos extremos cada vez mais frequentes, o que levou a região a ponderar uma abordagem drasticamente diferente: retirar o betão e deixar a natureza fazer o seu trabalho. «Há 40 anos, existiam bacias junto do rio que continham as águas das cheias», recorda Harry Kalliaras. «Desde então, a abordagem tem consistido em tentar restringir o caudal do rio e simplesmente bloquear as vias naturais de escoamento em caso de cheias. Além disso, temos assistido a um aumento de edificações junto ao rio. Se essas bacias naturais ainda existissem, é evidente que a cidade não teria sofrido danos tão graves.»

“ Se essas bacias naturais ainda existissem... ”

Essa abordagem baseada na natureza é uma recomendação de um estudo financiado pelo Banco Europeu de Investimento e conduzido pela Global Infrastructure Basel e pelo Fundo Mundial para a Natureza (WWF) Grécia, que ocupou um lugar central nas discussões com partes interessadas que tiveram lugar em 2023. «Temos de trabalhar com, e não contra, a natureza», afirma Aimilia Pistrika, engenheira hídrica sénior do Banco Europeu de Investimento.

Estudo recomenda soluções baseadas na natureza na Grécia

Segundo o estudo-piloto, a gestão do risco de inundações na região através de métodos baseados na natureza, como o alargamento dos rios e a sua ligação às planícies aluviais, a criação de florestas ribeirinhas e a eliminação de estruturas construídas para controlar ou obstruir o curso dos rios, seria muito mais eficiente do que o recurso a infraestruturas «cinzentas» de defesa contra cheias, novas ou reabilitadas, como os diques. De acordo com o relatório, o valor da solução baseada na natureza em termos de armazenamento de carbono, estimado em 12,8 milhões de EUR, seria, por si só, superior ao custo da sua implementação (6,8 milhões de EUR) e de uma solução híbrida (9,3 milhões de EUR).

No entanto, os métodos de controlo das cheias baseados na natureza enfrentam certos desafios. «Todo este processo demora o seu tempo», afirma Catherine McSweeney, que trabalha na Divisão da Sociedade Civil do Banco Europeu de Investimento. «Nos últimos dois anos, temos vindo a organizar eventos de sensibilização e reuniões com as autoridades e partes interessadas. Mas aprendemos muito sobre este projeto e estamos convictos de que desenvolvemos uma abordagem que pode ser acelerada, aplicada em maior escala e reproduzida noutros locais.»

UMA IDEIA REPLETA DE FRESCURA

O modelo de venda direta da CrowdFarming promove alimentos frescos e uma agricultura sustentável que reduz as emissões e proporciona lucros a pequenos agricultores biológicos

Quando Gabriel e Gonzalo Úrculo herdaram o laranjal do avô em Valência, Espanha, a família aconselhou-os a venderem esta plantação deficitária. Porém, estes dois irmãos decidiram dar-lhe uma última oportunidade. Seguindo o exemplo do avô, começaram por vender os seus produtos a intermediários, como cooperativas e grandes compradores, mas não ganhavam o suficiente para cobrir os custos. Decidiram então criar um sítio Web, «Naranjas del Carmen», para venderem os seus produtos diretamente aos consumidores de toda a Europa. Inicialmente, o sítio Web vendia fruta a amigos na Alemanha e na Áustria, mas foi crescendo gradualmente graças ao passa-palavra. Quando a Deutsche Welle, a empresa pública de radiodifusão da Alemanha, emitiu uma reportagem sobre o laranjal, as encomendas dispararam. A procura era tanta que o sítio Naranjas del Carmen não tinha capacidade para satisfazer as encomendas.

“**Estamos totalmente empenhados em promover o conceito "do prado ao prato".**”

Apercebendo-se deste sucesso, outros agricultores da mesma região de Espanha pediram-lhes ajuda para criarem o seu próprio sistema de vendas em linha. Gonzalo e Gabriel tinham identificado uma importante lacuna do mercado: a tão desejada ligação direta entre consumidores e agricultores. Em 2017, os irmãos Úrculo fundaram a CrowdFarming para prestar aos agricultores os serviços (*software*, conceção Web, logística, apoio ao consumidor, *marketing* e apoio agronómico) que o sítio Naranjas del Carmen tinha desenvolvido ao longo dos anos para vender diretamente aos consumidores finais. «A

CrowdFarming nasceu como um balcão único para os agricultores que pretendem criar o seu próprio canal de vendas diretas», explica Román Martínez de Aragón, responsável pela estratégia na CrowdFarming. «Tratamos deste aspeto complexo para que os agricultores se possam dedicar ao cultivo, à produção e à colheita dos seus produtos.»

A CrowdFarming está a contribuir para a digitalização do setor agrícola na Europa, que é maioritariamente constituído por pequenos produtores que nem sempre dispõem dos meios ou dos conhecimentos técnicos necessários para vender diretamente aos consumidores através de um sítio Web. O sítio Web representa 300 agricultores de 15 países, principalmente da Europa. Os clientes têm a possibilidade de encomendar caixas de frutas e legumes ou produtos como mel e queijo. Podem mesmo adotar uma árvore, uma parcela de terreno ou um animal e assumir o compromisso de receber os produtos da sua exploração. A fim de impulsionar o trabalho desenvolvido pela empresa nas suas plataformas digitais e no seu *software*, **em setembro de 2023, o Banco Europeu de Investimento assinou um empréstimo sob a forma de dívida de risco no montante de 15 milhões de EUR com a CrowdFarming, apoiado pelo programa InvestEU.**

«Os agricultores, que estavam geralmente condicionados aos preços praticados pelos supermercados, têm agora o poder de fixar os seus próprios preços, criando assim uma mudança de paradigma no setor», observa Jérôme Marcelino, o gestor de empréstimos sénior do Banco Europeu de Investimento responsável pelo investimento.

Produtos saborosos e bons para o planeta

A CrowdFarming só aceita agricultores que produzem alimentos biológicos e agricultores em fase de transição para este tipo de agricultura. Os agricultores que vendem na plataforma são cuidadosamente selecionados por engenheiros agrónomos, que se certificam de que aqueles aplicam as mais rigorosas normas de sustentabilidade, qualidade e produção. María Martínez Hijano, oriunda de Málaga, convenceu os seus familiares

// Um balcão único para os agricultores que pretendem criar o seu próprio canal de vendas diretas //

a adotarem a agricultura biológica quando, em 2017, assumiu o controlo da exploração que pertencia à sua família há quatro gerações. Começou por vender mangas através da plataforma CrowdFarming em 2020, com enorme sucesso. «Conseguimos crescer e inovar com um estilo de agricultura cada vez mais integrado com o ambiente», afirma María.

Ao contrário de alguns supermercados, a CrowdFarming não armazena os seus produtos durante várias semanas nem os pulveriza com fungicidas químicos para prolongar a sua validade. A fruta e os legumes vendidos no sítio Web são colhidos em função das encomendas dos clientes, permanecendo nas árvores e na terra até estarem suficientemente maduros para serem expedidos. Na agricultura convencional, os alimentos são colhidos no momento mais conveniente para o intermediário (por exemplo, um supermercado) e podem passar meses em câmaras de maturação ou frigoríficos industriais.

A abordagem da CrowdFarming ajuda a preservar o sabor dos seus produtos, mas também cria trabalho para os agricultores, que anteriormente procediam à colheita apenas uma vez por ano e depois expediam os produtos para intermediários ou supermercados. Com a CrowdFarming, os agricultores têm de planear várias colheitas.

Os agricultores estão dispostos a realizar este trabalho adicional devido aos benefícios que retiram da venda direta. Conseguem prever as suas receitas com meses de antecedência, e as suas margens são superiores às que aufeririam em redes de vendas tradicionais. Por exemplo, o montante que recebem pelos citrinos é duas a quatro vezes superior ao que obtêm em lojas convencionais. Para o cliente, os preços são semelhantes aos praticados em supermercados biológicos em países do Norte da Europa e da Europa Ocidental.

«Estamos totalmente empenhados em promover o conceito "do prado ao prato"», afirma Cristina Domecq, responsável pela sustentabilidade e impacto na CrowdFarming. «Logo que recebemos uma encomenda, a CrowdFarming e os agricultores entram em ação: colhem, embalam e expedem os produtos biológicos mais frescos para serem diretamente entregues à porta dos clientes. O objetivo é proporcionar uma frescura genuína e natural.»

Transformar a cadeia alimentar

Em 2022, a CrowdFarming realizou um estudo para quantificar o impacto do seu modelo nas emissões de carbono e no desperdício alimentar. O estudo comparou o trajeto percorrido pelas laranjas desde a exploração agrícola até à mesa do consumidor com a distribuição clássica através de supermercados, tendo concluído que as vendas diretas geravam menos 20 % de emissões do que a grande distribuição. Revelou igualmente que apenas 3 % dos alimentos eram desperdiçados na cadeia de abastecimento, em comparação com 22 % no modelo de supermercados.

A equipa da CrowdFarming conta com cerca de 200 membros, na sua maioria programadores, que trabalham para melhorar a plataforma. São também responsáveis pela manutenção do *software* de logística da empresa denominado «CrowdSender», que permite uma gestão eficiente das encomendas, agrupando-as por região e certificando-se de que os camiões transportam a carga máxima possível, de modo que as entregas sejam efetuadas da forma mais eficiente em termos de custos e mais respeitadora do ambiente.

«Graças ao financiamento do BEI, a empresa poderá continuar a inovar o modelo de negócios, os processos, as aplicações digitais e o *software*», explica Alejandro Raboso Campos, consultor do Banco Europeu de Investimento. E essa inovação promove uma produção alimentar mais sustentável e equitativa.

«É raro encontrarmos um projeto com resultados tão diretos e concretos no terreno», afirma Alejandro Campos. «É bom para os agricultores, os consumidores e o ambiente.»

GIGAWATTS NO TELHADO

A empresa de logística CTP transforma os telhados das suas instalações na Chéquia e noutros países em enormes parques de energia solar, reduzindo os custos e as emissões dos seus arrendatários e aumentando os seus próprios lucros

Graças às energias renováveis, até mesmo o proprietário de uma pequena habitação pode tornar-se um fornecedor de eletricidade. Para tal, bastará instalar alguns painéis solares no telhado e vender a energia que não consome à empresa local de serviços públicos. Para uma empresa com 11 milhões de metros quadrados de telhado, essa possibilidade é uma perspetiva aliciante. A CTP, o maior proprietário e gestor de imóveis logísticos cotado em bolsa na Europa, está a cobrir os telhados dos seus edifícios com painéis solares, tornando as energias renováveis numa área de negócio importante da empresa, paralelamente à construção de novos edifícios e à exploração de parques comerciais. O próximo passo na transição da CTP para o setor energético consiste em instalar painéis solares nos telhados dos seus edifícios em todos os países em que opera. Trata-se de

um avanço significativo porque, embora as suas ações estejam cotadas na Euronext Amsterdão, a CTP atua maioritariamente em países da Europa Central e Oriental, como a Chéquia, a Eslováquia, a Hungria e a Roménia. «Vemos a energia como a terceira unidade de negócio da empresa», refere Maarten Otte, responsável pelas relações com os investidores no escritório de Praga da CTP. «A energia solar é um primeiro passo nesse sentido, mas as nossas ambições vão muito mais longe, abrangendo, por exemplo, a disponibilização de postos de carregamento de veículos elétricos aos nossos arrendatários, bem como a gestão e o armazenamento de energia.»

“ **Está a contribuir para a autonomia estratégica da Europa.** ”

A empresa prevê instalar até 400 MWp de capacidade nos seus edifícios até ao final de 2026. MWp significa «megawatt-pico», que é uma medida da produção de energia proveniente de uma fonte variável, como a luz do sol. Uma vez que tenciona duplicar a sua carteira e, conseqüentemente, a superfície de telhado de que efetivamente dispõe nos próximos anos, a CTP poderá vir a gerar 1 GWp nesses países até ao final da década. Trata-se de um passo muito importante no sentido da descarbonização de países onde as emissões ainda são elevadas.

Energia solar nos telhados e autonomia estratégica europeia

Os edifícios da CTP, que são usados como centros logísticos e, por alguns clientes de indústria ligeira, como locais de produção, também facilitam o estabelecimento na Europa de empresas que, de outro modo, seriam forçadas a procurar instalações na Ásia, por exemplo. Deste modo, a CTP contribui para manter indústrias importantes na Europa e para encurtar as cadeias de abastecimento. «A CTP está a facilitar o regresso de empresas instaladas na Ásia», afirma Jan Morawiec, gestor de empréstimos do Banco Europeu de Investimento. «Está a contribuir para a autonomia estratégica da Europa.»

Após as ruturas do abastecimento industrial causadas pela pandemia de COVID-19 e a crise de energia que se seguiu à invasão da Ucrânia pela Rússia, esta autonomia estratégica é crucial para o futuro da Europa. O contributo estratégico da CTP é um dos motivos pelos quais o Banco Europeu de Investimento assinou, em setembro de 2023, um empréstimo de 200 milhões de EUR com a empresa para financiar o projeto solar, que será realizado principalmente nos quatro países da Europa Central e Oriental. Este financiamento faz parte do contributo de 45 mil milhões de EUR do Banco para o plano REPowerEU.

Os painéis solares são benéficos para o clima. Além disso, comportam vantagens financeiras, tanto para a CTP como para os seus arrendatários. «Conferem-lhes uma vantagem competitiva em relação a outras empresas de logística que não integram o abastecimento de energia nos seus contratos de arrendamento», explica David González García, engenheiro principal responsável pelos programas de transição energética no Banco Europeu de Investimento.

REFORÇAR A AUTONOMIA ENERGÉTICA DA EUROPA

Três projetos espanhóis de energias renováveis reforçam a autonomia energética da Europa através da criação de capacidade solar e eólica e de redes de transporte

Jaime Celaya sempre desejou trabalhar no mercado das energias renováveis, devido ao seu impacto na sociedade. Assim, após concluir os seus estudos e adquirir alguma experiência profissional, ingressou na Iberdrola, a maior empresa de energia da Europa em termos de capitalização bolsista e líder no setor das energias renováveis. Na sua função de gestor de desenvolvimento de negócios, avalia, seleciona e implementa novos projetos energéticos que ajudarão a Iberdrola a atingir o seu objetivo de emissões líquidas nulas até 2040.

«É um setor muito dinâmico e ativo, com novas tecnologias, novos mecanismos, novas técnicas a surgirem todos os dias», afirma. «Todos os dias aprendo algo novo e adquirei mais conhecimentos.»

Nos próximos anos, Jaime Celaya trabalhará no ambicioso plano da Iberdrola que tem como objetivo construir uma extensa rede de 19 centrais solares fotovoltaicas e três parques eólicos terrestres em Espanha, em Portugal e na Alemanha. «Temos abundância de luz solar, água e vento, que são os componentes essenciais para a produção de energias renováveis», refere Jaime Celaya. «O investimento nestes recursos e nas energias renováveis é indispensável para os países poderem reduzir as suas emissões de gases com efeito de estufa.»

Com uma capacidade de quase 2,2 gigawatts, as novas instalações terão potencial para produzir até 4 terawatts-hora de eletricidade, um valor equivalente ao consumo médio anual de energia de mais de um milhão de agregados familiares. Setenta por cento das centrais serão localizadas em zonas rurais afetadas pela transição industrial para a neutralidade climática e em regiões onde o rendimento *per capita* é inferior à média da UE.

«Oferecemos formação às pessoas destas regiões, dotando-as dos conhecimentos e das competências de que necessitam para operar, construir e trabalhar em centrais de energia solar e em parques eólicos», explica Jaime Celaya. «Os novos projetos promoverão o crescimento e o emprego nestas regiões, permitindo-lhes desenvolver mais projetos.»

Assegurar um aprovisionamento energético estável

A incorporação de energias renováveis nas nossas redes é difícil pelo facto de não produzirem eletricidade de forma consistente. Ao contrário das centrais a combustíveis fósseis ou hidroelétricas, que produzem eletricidade a pedido, os painéis solares e as turbinas eólicas dependem das condições meteorológicas e da localização. Tal significa que produzem quantidades variáveis e parcialmente previsíveis de eletricidade, o que dificulta a manutenção de um aprovisionamento estável e consistente pelas nossas redes energéticas. Trata-se do denominado desafio da integração das energias renováveis.

Para resolver este problema, alguns dos projetos fotovoltaicos da Iberdrola incluirão a hibridação com um sistema de baterias, mediante a combinação de duas fontes diferentes, como a eólica e a solar, com o armazenamento de energia, a fim de assegurar um aprovisionamento energético mais estável e fiável.

«Com os sistemas híbridos, construímos centrais fotovoltaicas junto a um parque eólico», afirma Jaime Celaya. «Quando não há luz solar, podemos produzir energia a partir do vento, e, quando não há vento, podemos produzir energia a partir do sol. Desta forma, utilizamos a mesma infraestrutura e evitamos a necessidade de construção adicional. Graças às baterias, podemos armazenar mais energia eólica e solar e colocá-la no mercado quando não há vento ou sol ou quando não há produção.»

“ **O investimento nestes recursos e nas energias renováveis é indispensável para os países poderem reduzir as suas emissões de gases com efeito de estufa.** ”

O Banco Europeu de Investimento concedeu à Iberdrola um empréstimo de mil milhões de EUR para cofinanciar a construção das 22 centrais de energias renováveis em Espanha, em Portugal e na Alemanha, mediante um acordo assinado em junho de 2023. Dado tratar-se de um «empréstimo-quadro», pode financiar vários projetos.

«Este tipo de financiamento oferece estabilidade, flexibilidade e financiamento a longo prazo para operações de energias renováveis com projetos múltiplos», explica Luis Cañete, gestor de empréstimos sénior do Banco Europeu de Investimento que acompanhou o acordo.

A operação faz parte do pacote de financiamento do BEI para apoiar o REPowerEU, um plano da Comissão Europeia desenvolvido em resposta à invasão da Ucrânia pela Rússia, que visa reduzir a dependência da UE das importações de combustíveis fósseis e acelerar a transição ecológica.

Uma forma inovadora de financiar projetos energéticos

A Red Eléctrica de España é outra empresa que contribuirá para a transição energética de Espanha. A empresa planeia expandir e reforçar a sua rede de transporte, que leva a eletricidade das centrais elétricas até às famílias, às empresas e às indústrias. Estes investimentos fazem parte do Plano de Desenvolvimento da Rede de Transporte 2021-2026 de Espanha e da Red Eléctrica, que tem por objetivo:

- integrar futuras instalações de produção de energia renovável, permitindo à Espanha atingir a sua meta de 74 % de eletricidade renovável até 2030,
- melhorar a fiabilidade das redes de 220 e 66 quilovolts,
- reforçar as interligações com Portugal e França,
- melhorar a relação custo-eficiência e a fiabilidade do aprovisionamento no sistema elétrico espanhol, nomeadamente nas Ilhas Baleares e nas Ilhas Canárias.

O Banco Europeu de Investimento financiará a Red Eléctrica através da aquisição de obrigações verdes prioritárias e de obrigações híbridas verdes no valor de 500 milhões de EUR emitidas pela empresa ao abrigo do Quadro de Financiamento Ecológico da Red Eléctrica. Em janeiro de 2023, o Banco adquiriu 41,5 milhões de EUR das primeiras obrigações verdes híbridas emitidas. Esta operação, efetuada no âmbito do programa InvestEU, foi a primeira transação pública ao abrigo do programa de compra de obrigações verdes do Banco.

«As obrigações verdes e as obrigações híbridas verdes podem colmatar o défice de financiamento da luta contra as alterações climáticas, promovendo simultaneamente o recurso aos mercados de capitais», afirma Raquel Cuervo Salvador, gestora de financiamento de obrigações do Banco Europeu de Investimento. «Estas obrigações proporcionam inúmeros benefícios aos projetos de energias renováveis, nomeadamente o alargamento da base de investidores, a redução do risco de execução e o aumento da disponibilidade de financiamento, bem como a atribuição do nosso selo de aprovação e um sinal positivo para os mercados.»

Espera-se que o projeto ajude a reduzir as emissões de gases com efeito de estufa e crie oportunidades de emprego nas regiões menos desenvolvidas de Espanha.

“ **Podemos armazenar mais energia eólica e solar e colocá-la no mercado quando não há vento ou sol ou quando não há produção.** ”

“ **As obrigações verdes e as obrigações híbridas verdes podem colmatar o déficit de financiamento da luta contra as alterações climáticas.** ”

Um novo impulso para as energias renováveis em Espanha

As centrais de energia solar desempenharão um papel crucial na transição energética. Captam a abundante energia do sol para produzir eletricidade sem emitir gases com efeito de estufa, o que é essencial para reduzir a nossa dependência dos combustíveis fósseis.

O Banco Europeu de Investimento, com o apoio do programa InvestEU, concedeu um empréstimo-quadro de até 1,7 mil milhões de EUR à Solaria para financiar a construção de 120 centrais solares fotovoltaicas em Espanha, Itália e Portugal, mediante um acordo assinado em setembro de 2023.

Fundada em 2002, a empresa espanhola tem como objetivo atingir uma capacidade de 5,6 gigawatts em pleno funcionamento, o que equivaleria a 9,3 terawatts-hora por ano, ou seja, o consumo de energia de quase 2,5 milhões de agregados familiares. Esta energia limpa reduzirá as emissões de gases com efeito de estufa em três milhões de toneladas de CO₂ por ano.

«A construção de uma conduta para transportar 5,6 gigawatts de energias renováveis em Espanha, Itália e Portugal terá impacto nestes países e nos esforços da União Europeia para combater as alterações climáticas, aumentando simultaneamente a segurança energética», afirma Elena Cuadros, engenheira de energias renováveis do Banco Europeu de Investimento. «Com mais de um terço dos parques solares localizados em regiões menos desenvolvidas, o projeto também irá aumentar o emprego onde é mais necessário.»

PLANOS

PARA MAIS IGUALDADE

“ A educação e a formação são essenciais para o reforço do potencial inovador, da competitividade e da coesão social da União Europeia. O conjunto adequado de competências é mais importante do que nunca na transição ecológica e digital. É por esse motivo que o Banco incentiva investimentos em educação e formação de qualidade: preparar os nossos cidadãos e as nossas escolas para os desafios futuros. ”

Patricia Castellarnau, chefe da Divisão de Educação e Investigação Pública do BEI

“ Os Serviços de Aconselhamento do BEI traduzem objetivos políticos complexos em realidades de mercado. Em 2023, prestaram apoio a metade das operações de financiamento do BEI e a algumas iniciativas transversais importantes do Fundo Europeu de Investimento, tais como os esforços para alcançar a igualdade de género nas indústrias europeias de capital de risco e de *private equity*. Ajudámos os clientes a lidar com a transição energética, a evolução da habitação social, a computação quântica e a igualdade de género, bem como com o desenvolvimento do novo mercado espacial europeu. ”

Hristo Stoykov, diretor dos Serviços de Aconselhamento do BEI

“ A nossa atividade principal consiste no aconselhamento a jusante em projetos no domínio do clima. Aconselhamos as empresas sobre a forma de tornar as propostas de negócio em operações viáveis do ponto de vista económico e técnico, passíveis de financiamento bancário e mais bem posicionadas para aceder a financiamento do BEI, da Comissão Europeia e do mercado – ou a financiamento conjunto destas três entidades. Também realizamos estudos temáticos a montante que identificam ineficiências do mercado e lacunas de financiamento. Além disso, organizamos iniciativas de reforço das capacidades, tais como consultas setoriais e ações de sensibilização para promover os serviços de aconselhamento e os produtos do BEI. ”

Juliet Dow-Madu, responsável dos Serviços de Aconselhamento do BEI para os setores da produção, da energia e dos transportes

Estamos a preparar-nos para um mundo em que a mudança não mostra sinais de abrandamento. O Banco Europeu de Investimento está a trabalhar para que todos estejamos preparados para enfrentar os desafios – e prosperar – neste mundo em constante evolução. As nossas crianças precisam de melhores escolas, e essas escolas devem contribuir para uma economia com impacto neutro no clima. É imperioso facilitar a circulação das pessoas de um local para outro sem que sejam emitidas grandes nuvens de carbono. Para o efeito, é necessário desenvolver sólidos sistemas de transporte e indústrias de mobilidade, de modo a que as pessoas que trabalham nestes setores possam prosperar, mesmo quando estas mudanças radicais são uma constante.

“ A direção de *Project Finance* contribuiu para algumas das histórias de sucesso mais emblemáticas do BEI, por exemplo, as autoestradas e as vias férreas que eliminaram estrangulamentos nas redes transeuropeias e atraíram capital privado para acelerar investimentos essenciais. O nosso mandato evoluiu para setores como o das energias renováveis, no qual demos um contributo significativo para a emergência da indústria eólica marítima europeia. Mais recentemente, o nosso papel enquanto Banco do Clima da UE tem-nos levado a intervir em interligações energéticas, no fabrico de baterias para a mobilidade ecológica e na redução das emissões em setores como os do aço e dos fertilizantes, em que este objetivo é difícil de alcançar. Alguns destes projetos são verdadeiros pioneiros na via da Europa para a competitividade sustentável. ”

Matthias Woitok, chefe da Divisão de *Project Finance* (Este) do BEI

PROMOVER A APRENDIZAGEM E A POUPANÇA DE ENERGIA

O município de Roma pretende melhorar a eficiência energética de mais de 200 escolas da cidade, mas primeiro precisou de ajuda no planeamento do seu vasto projeto

Roma é uma cidade repleta de história. Os seus edifícios históricos são um verdadeiro tesouro tanto para os amantes de arte como para os turistas, mas são menos apreciados pelos estudantes. Muitos alunos em Roma frequentam escolas que funcionam em edifícios que remontam ao século XIX. Algumas destas escolas antigas estão degradadas, têm um mau isolamento térmico e estão mal equipadas para fazer face às alterações climáticas. É por esta razão que a cidade pretende efetuar o seu maior investimento, desde há décadas, na renovação de mais de 200 escolas, com o objetivo de as tornar mais eficientes do ponto de vista energético e mais sustentáveis.

Contudo, renovar o parque imobiliário mais antigo é uma tarefa muito complicada. «As renovações complexas são particularmente difíceis», explica Linda D'Amico, arquiteta do Gabinete de Obras Públicas e Infraestruturas da Câmara Municipal de Roma, porque os edifícios antigos têm de ser protegidos e preservados.

O Município de Roma é responsável por um grande número de estabelecimentos de ensino. Conta com 1 144 creches, jardins-de-infância e escolas do ensino básico. Estes estabelecimentos de ensino são, de longe, os edifícios públicos de Roma que mais energia consomem, sendo responsáveis por 95 % do consumo total de energia dos edifícios e infraestruturas municipais. Um programa eficaz de eficiência energética poderia poupar dinheiro e reduzir as emissões de carbono. «Os estabelecimentos escolares são consumidores vorazes de energia», afirma Linda D'Amico.

O conselho certo no momento certo

A renovação é apoiada por subvenções do Governo italiano, por fundos da União Europeia ao abrigo do plano nacional italiano para as cidades metropolitanas, denominado PON Metro, e por uma linha de crédito de 150 milhões de EUR aprovada pelo Banco Europeu de Investimento em fevereiro de 2023. O município solicitou apoio consultivo ao banco da UE para elaborar um plano e tirar o máximo proveito destes recursos. «O nosso amplo leque de serviços de aconselhamento técnico, financeiro e metodológico ajudará o Município de Roma a executar e a acompanhar este projeto em tempo útil», afirma Alexander Linke, conselheiro sénior do BEI que acompanhou o projeto.

Tal como muitos alunos que recebem roupas novas no início do ano letivo, algumas escolas de Roma beneficiarão de novos revestimentos de isolamento térmico com elevada eficiência energética. Todas as escolas selecionadas terão janelas, portas e sistemas de iluminação novos e os seus sistemas de aquecimento serão modernizados. Os edifícios mais recentes serão também equipados com painéis fotovoltaicos e bombas de calor. «Trata-se do maior investimento em estabelecimentos de ensino nas últimas décadas. A nossa parceria com o banco da UE ajuda o Município de Roma a intensificar a sua ação climática em prol de uma transição ecológica que crie novas oportunidades para as cidades», afirma Roberto Gualtieri, presidente da Câmara Municipal de Roma.

Com este projeto, Roma pretende reduzir os custos e as emissões com vista a tornar-se uma cidade com zero emissões líquidas até 2030. «O investimento terá não só um forte impacto ambiental», explica Andrea Durante, que trabalhou na linha de crédito do Banco Europeu de Investimento, «mas também um impacto social tangível, melhorando as escolas desde as zonas suburbanas até ao centro da cidade».

A arquiteta municipal Linda D'Amico salienta a importância do projeto para a vida das crianças. «Queremos enviar-lhes um sinal claro de que são importantes», explica.

ESCOLAS PARA OS SUBÚRBIOS

Madrid constrói escolas nos seus novos subúrbios, reduzindo as desigualdades sociais na educação e ajudando a cidade a tornar-se mais ecológica

Uma cidade é como uma família: quando cresce, precisa de mais espaço para todos os seus membros. E, tal como uma família, também precisa de escolas para as suas crianças.

A capital espanhola é uma das cidades da Europa em mais rápido crescimento. A população madrilenha está a crescer a um ritmo duas vezes superior ao do resto de Espanha, o que a torna a região mais densamente povoada do país. Nos arredores da cidade, continuam a surgir bairros inteiramente novos, e as crianças desses novos bairros precisam de escolas. Por esse motivo, a Comunidade de Madrid prevê construir novas escolas e renovar as antigas, a fim de prestar um ensino público de qualidade a cerca de 58 000 alunos. «A educação é um pilar da nossa sociedade», afirma Rodrigo Robledo Tobar, diretor-geral de Política Financeira e Tesouraria da região de Madrid. «Este será um investimento nas próximas gerações, no nosso futuro.»

Educação para satisfazer a procura

Em Espanha, o ensino público é gratuito, com taxas de escolarização elevadas no ensino pré-escolar e no ensino básico. Mas, quando os alunos chegam ao ensino secundário, os fatores demográficos desempenham um papel importante na determinação dos alunos que prosseguem os seus estudos. A probabilidade de abandono escolar é mais elevada entre os alunos que pertencem a famílias com um estatuto socioeconómico mais baixo e vivem em bairros mais pobres e mais distantes da escola.

O investimento em infraestruturas de ensino ajudará a satisfazer a procura atual de mais escolas, bem como a necessidade futura da região de Madrid de trabalhadores qualificados, que são a espinha dorsal de qualquer economia. «Estas pessoas precisam de ter acesso a escolas próximas do seu local de residência», afirma Rodrigo Robledo Tobar. «Não devem ter de efetuar trajetos de 30 minutos ou uma hora para levar os filhos a uma escola no centro da cidade.»

Os subúrbios estão a crescer devido ao aumento da população. Mas as pessoas também se estão a mudar para esses locais porque os apartamentos são mais acessíveis. «A maioria das novas infraestruturas estará localizada nos subúrbios que registam um maior crescimento», explica Silvia Guallar Artal, economista da Divisão de Educação e Investigação Pública do Banco Europeu de Investimento. «São os bairros mais recentes, mas também são menos ricos.»

O Banco Europeu de Investimento apoia o projeto de Madrid através de um empréstimo de 250 milhões de EUR, assinado em março de 2023. «Graças a este empréstimo, podemos prestar serviços educativos às famílias que vivem nos subúrbios», refere Rodrigo Robledo Tobar. «Já não precisam de ir viver para o centro da cidade, que é caro, e isso contribuirá para reduzir as desigualdades na sociedade.»

“ Estas pessoas precisam de ter acesso a escolas próximas do seu local de residência. ”

NOVOS COMBOIOS, NOVAS LINHAS, NOVA TECNOLOGIA

De Munique a Monopoli, soluções de financiamento inovadoras possibilitam serviços ferroviários menos poluentes e mais rápidos, bem como serviços de manutenção de alta tecnologia, na Alemanha e em Itália

A semelhança de dois terços dos passageiros de comboios regionais na Baviera, Christine viaja frequentemente na S-Bahn, a rede de comboios regionais de Munique, a terceira maior cidade da Alemanha. A viagem de 10 km desde a sua casa, no bairro de Pasing, até Marienplatz, no centro da cidade, pode, no entanto, ser imprevisível. «Os comboios vão sobrelotados e há muitos atrasos», observa. «Normalmente, a viagem demoraria apenas 20 a 25 minutos, mas por vezes chega a demorar quase uma hora.»

Christine não é a única nesta situação. Em 2022, na Alemanha, quase um em cada três passageiros ferroviários chegou ao seu destino com um atraso de 15 minutos ou mais. A rede ferroviária S-Bahn de Munique é propensa a atrasos porque todos os comboios desta rede que entram ou saem do centro da cidade têm de passar por uma única linha principal, a Stammstrecke, uma das mais movimentadas de toda a Europa. Esta situação torna a rede suscetível a estrangulamentos e a atrasos. Estão em curso obras para a construção de uma segunda linha principal. Embora a sua conclusão demore ainda alguns anos, os comboios de nova geração recentemente encomendados prometem algumas melhorias rápidas.

Adquiridos graças a um inovador acordo de locação no valor de 2 mil milhões de EUR, financiado pelo Banco Europeu de Investimento e pelo UniCredit e com uma garantia do Estado Livre da Baviera, estes novos comboios com 200 metros de comprimento, idêntico ao dos comboios intercidades de grande capacidade da Alemanha, serão os comboios regionais mais longos do país. Dotados de uma elevada eficiência energética, os 90 novos comboios elétricos, fabricados pela Siemens Mobility, terão portas de amplas dimensões para permitir um acesso fácil e mais rápido e uma faixa de informação LED ao longo de todo o seu comprimento. «Esperamos que estes comboios mais confortáveis e mais fiáveis ajudem a convencer as pessoas que vivem nos arredores de Munique a deixarem o carro em casa e a apanharem o comboio», afirma Alexander Gerum, gestor de projeto da S-Bahn de Munique na Bayerische Eisenbahngesellschaft, a empresa que planifica, financia e gere o transporte ferroviário regional de passageiros na Baviera.

Financiamento inovador para os comboios italianos

Outros países da Europa também estão a dar prioridade ao transporte ferroviário como parte importante das suas estratégias de descarbonização. Em março de 2023, **o Banco Europeu de Investimento assinou um acordo de financiamento inovador no montante total de 3,4 mil milhões de EUR** para a modernização da linha ferroviária Palermo-Catânia, na Sicília, que reduzirá em um terço os tempos de viagem atuais entre as duas cidades. O pacote de financiamento inclui uma contragarantia única de 50 %, no valor de 1,3 mil milhões de EUR, apoiada pelo programa InvestEU, que garante as cauções de adiantamento e de boa

“ **Esperamos que estes comboios mais confortáveis e mais fiáveis ajudem a convencer as pessoas a deixarem o carro em casa e a apanharem o comboio.** ”

execução que os contratantes devem obter junto dos bancos para comprovar aos promotores a sua proteção em caso de incumprimento.

«É a primeira vez que concedemos contragarantias deste tipo e pretendemos agora reproduzir esta iniciativa em diferentes projetos e noutros países», afirma Giovanni Inglis, gestor de empréstimos sénior do Banco Europeu de Investimento responsável pelas relações com as instituições financeiras.

No âmbito deste acordo de financiamento inovador, desenvolvido em colaboração com a Ferrovie dello Stato Italiane, a companhia ferroviária estatal italiana, a contragarantia irá gerar garantias de outras instituições financeiras, o que se traduzirá num montante total de 2,6 mil milhões de EUR para a execução dos contratos de construção e o subsequente início das obras. Além disso, o Banco Europeu de Investimento também concederá um empréstimo direto de 800 milhões de EUR ao Ministério da Economia e das Finanças de Itália.

Transformação digital das tecnologias ferroviárias em Itália

Os financiamentos para a aquisição de novos comboios e a modernização das redes ferroviárias representam apenas uma parte do apoio do Banco Europeu de Investimento ao setor ferroviário e à Estratégia de Mobilidade Sustentável e Inteligente da União Europeia, que visa duplicar o transporte ferroviário de mercadorias e triplicar o tráfego ferroviário de alta velocidade até 2050. Em setembro de 2023, **o Banco Europeu de Investimento assinou um empréstimo de 20 milhões de EUR (um outro empréstimo de 10 milhões de EUR foi aprovado e será assinado nos próximos meses) para financiar as atividades de investigação e desenvolvimento da MerMec**, uma empresa italiana especializada em tecnologias avançadas para o transporte ferroviário (sinalização, veículos e sistemas de medição, tração elétrica e telecomunicações), mobilidade elétrica urbana e aplicações industriais. «A transformação digital do setor ferroviário é um instrumento essencial para melhorar a eficiência e a segurança», afirma Matteo Fusari, engenheiro principal do Banco Europeu de Investimento. «Mas não se trata apenas de recolher dados através de sensores remotos. Importa também tratar os dados rapidamente e fornecer informações úteis.»

Uma das tecnologias mais promissoras que a MerMec está a desenvolver é uma carruagem que deteta e sinaliza a localização de defeitos na via férrea, enquanto viaja a alta velocidade. Esta tecnologia utiliza uma combinação de imagens visuais e por ressonância magnética, sendo os dados registados e tratados a bordo da carruagem antes de serem transferidos para os gestores que monitorizam a rede à distância.

O empréstimo do Banco Europeu de Investimento financiará os projetos de investigação e desenvolvimento da MerMec em Monopoli, uma região relativamente pouco desenvolvida da Apúlia, que beneficia dos fundos de coesão da UE. O empréstimo apoiará a criação de emprego qualificado no domínio da investigação e do desenvolvimento, incluindo 280 postos de trabalho a tempo inteiro por ano durante os quatro anos de duração do projeto e 400 novos postos de trabalho permanentes.

RECARREGAR BATERIAS

Uma gigafábrica de baterias de íões de lítio em França criará postos de trabalho e impulsionará a indústria europeia de baterias em prol de uma mobilidade mais limpa

Anastasia Walch-Guinebert sempre gostou de resolver problemas. Além disso, a inovação contínua no domínio da transição energética fascina-a. É por isso que trabalha como engenheira de processos na Automotive Energy Supply Corporation (AESC), sediada no Japão. O seu trabalho nesta grande empresa internacional especializada em baterias consiste em melhorar a produção de baterias para veículos elétricos, a fim de garantir que são seguras, de alta qualidade, eficazes e sustentáveis do ponto de vista ambiental. «Este trabalho permite-me ter um impacto positivo no ambiente e no mundo à minha volta», explica Anastasia.

Com a abertura de uma gigafábrica de baterias da AESC em Douai, na região de Alta França, prevista para 2025, o seu papel assumirá uma importância ainda maior. A fábrica produzirá baterias de íões de lítio de ponta para o modelo ECHO 5 da Renault (a nova versão elétrica do R5, o emblemático modelo citadino da Renault das décadas de 1970 e 1980) e para o seu veículo utilitário intersegmentos (*crossover*), o 4Ever. Na sua fase inicial, terá uma capacidade combinada de até 9 gigawatts-hora, que permitirá equipar 200 000 automóveis elétricos por ano. Prevê-se que, até 2030, a fábrica aumente para entre 24 e 30 gigawatts-hora a sua capacidade anual de produção de baterias para veículos elétricos.

O Banco Europeu de Investimento está a financiar o investimento da AESC através de empréstimos diretos ao projeto, no montante de 337,2 milhões de EUR, e de empréstimos indiretos aos bancos comerciais participantes, num montante máximo de 112,8 milhões de EUR, assinados em setembro de 2023. «A AESC está a trazer para França o seu *know-how* avançado, contribuindo para o desenvolvimento sustentável da indústria de baterias na Europa», explica Olivier Kueny, gestor de empréstimos sénior do Banco Europeu de Investimento que acompanhou a operação. «O projeto apoiará igualmente a reindustrialização da região de Alta França, conhecida como o novo "Battery Valley", e acompanhará a transição estratégica da Renault.» O financiamento da AESC enquadra-se no âmbito do InvestEU, um programa da Comissão Europeia que visa mobilizar mais de 372 mil milhões de EUR de investimento adicional na Europa entre 2021 e 2027.

O que é uma gigafábrica?

As gigafábricas são centros de fabrico gigantescos, onde as empresas produzem normalmente baterias para veículos elétricos, soluções de armazenamento de energia renovável e tecnologias conexas. São especializadas na produção em grande escala de um produto popular, ao contrário das fábricas comuns, que são mais pequenas e podem dar resposta a diversas necessidades de fabrico. A gigafábrica da AESC localizada em Douai concentrar-se-á na produção em massa de baterias de íões de lítio para veículos elétricos.

As baterias são indispensáveis no nosso mundo moderno e constituem uma fonte de energia portátil. Armazenam e fornecem energia renovável, carregam os nossos dispositivos eletrónicos e promovem a nossa transição para a neutralidade climática. A procura mundial de baterias está a crescer rapidamente e deverá aumentar 14 vezes até 2030.

E a Europa precisará das suas próprias fontes de baterias caso ocorra uma crise internacional de grandes proporções que perturbe as cadeias de abastecimento mundiais, como aconteceu com a pandemia de COVID-19. «A Europa terá de aumentar a sua capacidade de produção de baterias para cumprir as suas metas de redução de emissões com vista à transição ecológica», afirma Christian Schepens, engenheiro principal da Divisão de Indústrias Sustentáveis e Digitais do Banco Europeu de Investimento.

“ **A Europa terá de aumentar a sua capacidade de produção de baterias para cumprir as suas metas de redução de emissões com vista à transição ecológica.** ”

MAIOR MOBILIDADE ELÉTRICA GRAÇAS AOS ROBÔS

Uma empresa neerlandesa acredita que a mobilidade elétrica pode tornar-se muito mais atrativa graças ao carregamento robotizado. Eis como a Rocsys adapta a tecnologia médica para acelerar a transição ecológica

Durante muitos anos, Crijn Bouman nunca compreendeu por que razão as empresas dedicavam tanto tempo ao fabrico de automóveis elétricos, enquanto pouco era feito para melhorar o processo de carregamento. Movido por uma paixão pela mobilidade elétrica, decidiu fazer algo a esse respeito. «Penso que a mobilidade elétrica está a começar a generalizar-se», observa Crijn Bouman. «Agora, a energia renovável vai de vento em popa.»

Para resolver a falta de engenho nos sistemas de carregamento, Crijn Bouman e dois especialistas em robótica criaram a Rocsys em 2019, com sede em Rijswijk, nos Países Baixos. A empresa está a desenvolver dispositivos equipados com braços robóticos que ligam os cabos de carregamento aos veículos através de sensores táteis que imitam as ações humanas. O seu produto de primeira geração, denominado ROC-1, é atualmente utilizado em portos, em operações logísticas e em frotas de veículos profissionais.

Esta tecnologia poderá ser um bom incentivo para os condutores trocarem os automóveis movidos a combustíveis fósseis por veículos elétricos, uma vez que as dificuldades de carregamento são frequentemente citadas como razão para a adoção relativamente baixa deste tipo de veículos até ao momento. A Rocsys espera que os seus sistemas de carregamento robotizado tornem o carregamento mais fácil e prático, incentivando mais pessoas a utilizar a mobilidade elétrica. Tal poderá ter implicações significativas nas alterações climáticas, uma vez que as emissões de carbono estão a aumentar no setor dos transportes em todo o mundo, precisamente quando é imperativo reduzi-las.

Para financiar o desenvolvimento da sua tecnologia, a **Rocsys assinou, em julho de 2023, um empréstimo de 18 milhões de EUR com o Banco Europeu de Investimento**. O empréstimo inscreve-se no âmbito do programa InvestEU da Comissão Europeia, que tem como objetivo impulsionar os investimentos nos domínios da inovação, da inclusão social e da criação de emprego.

Generalizar a mobilidade elétrica graças ao carregamento robotizado

No início, a Rocsys foi confrontada com um desafio: a robótica tem um custo muito elevado. O ROC-1 é uma alternativa económica aos robôs de preço elevado. Inspira-se na robótica portátil no domínio da medicina, especificamente nos exoesqueletos, que são dispositivos elétricos que se fixam ao corpo humano e contêm atuadores que facilitam o movimento. Os sensores táteis do produto ajudam um braço mecânico a movimentar-se em torno dos sistemas de carregamento e a evitar lesões por contacto físico. Oferece uma alternativa mais segura à robótica tradicional, que pode ser rígida e potencialmente perigosa. Graças ao empréstimo do Banco Europeu de Investimento, a empresa tem agora como objetivo desenvolver uma nova geração do ROC, mais pequena e com um menor custo operacional.

«Uma das grandes vantagens», explica Crijn Bouman, «é o facto de ser possível modernizar um carregador existente, transformando-o num carregador automatizado. Todos estes milhares de milhões de euros não foram investidos em vão. Os atuais sistemas de carregamento podem ser modernizados durante os próximos 10 a 15 anos para poderem carregar veículos elétricos e automatizados.»

A Rocsys está em conversações com os fabricantes de automóveis europeus para os ajudar a tornar os sistemas de carregamento amplamente acessíveis ao público. «Penso que seria um risco muito grande para a Europa não beneficiar de avanços tecnológicos como estes», considera Crijn Bouman. «Corremos efetivamente o risco de ficar muito para trás. Tenho esperança no futuro, mas espero que não seja demasiado tarde.»

“ Todos estes milhares de milhões de euros não foram investidos em vão. ”

A BOM PORTO

Portos da Bulgária e de Portugal estão a modernizar as infraestruturas para reduzir o congestionamento de tráfego e as emissões de carbono

Os portos da Bulgária são pontos de paragem cada vez mais importantes na rota de abastecimento de géneros alimentícios da Ucrânia para o resto do mundo. No entanto, os constrangimentos nas imediações dos portos causam emissões adicionais de CO₂ e implicam custos acrescidos para as companhias de navegação, os operadores de transportes, as empresas e, em última análise, os consumidores. É por esta razão que uma das principais empresas de comércio e transformação de cereais do país, o Grupo Buildcom, está a construir um novo e importante terminal portuário em Varna, na costa do Mar Negro. «A infraestrutura marítima na Bulgária está obsoleta e tem uma capacidade de processamento reduzida, especialmente em Varna», explica Tsvetelina Gancheva, diretora responsável pelas relações com as instituições financeiras na Oliva, a maior empresa produtora búlgara de óleo de girassol e principal filial do Grupo Buildcom. «A profundidade máxima dos portos de Varna condiciona o tráfego de navios de grandes dimensões, limitando fortemente a capacidade de movimentação de carga geral dos portos regionais.»

O Grupo Buildcom resolverá esta situação com um empréstimo de 50 milhões de EUR do Banco Europeu de Investimento à sua filial, o Logistic Centre Varna. O novo terminal permitirá a transferência de algumas operações de movimentação portuária da sua localização atual, perto do centro da cidade, para uma localização mais remota no lago Beloslav, próximo de Varna. O empréstimo é apoiado pelo programa InvestEU.

Um novo terminal e uma maior profundidade para o porto de Varna

O problema do défice de infraestruturas nos portos búlgaros tornou-se urgente quando a Rússia invadiu a Ucrânia em 2022. O porto de Constanta, na Roménia, ficou sobrecarregado devido ao aumento do fluxo de cereais ucranianos, mas não foi possível transferir a carga para o porto de Varna, uma vez que este não estava equipado para receber os navios e a carga adicionais. O novo projeto irá modernizar o porto de Varna, apoiar a segurança alimentar, promover um transporte marítimo mais ecológico e impulsionar o crescimento económico na região, melhorando o acesso dos produtores agrícolas locais ao mercado de exportação. O projeto irá «reforçar a integração vertical e o acesso do Grupo Buildcom ao mercado de exportação», refere Venera Gandzhova, gestora de empréstimos responsável pela operação de empréstimo do BEI.

O novo terminal permitirá o acesso não só de mais navios como também de navios de maiores dimensões, graças ao aumento da profundidade dos cais para 13,5 metros. Disporá igualmente de um sistema moderno de armazenamento e transporte de cereais, bem como de novos equipamentos de movimentação, novos acessos ferroviários e rodoviários, redes de serviços de utilidade pública e edifícios técnicos e administrativos. A expansão do porto também reduzirá o transporte rodoviário, transferindo o tráfego de mercadorias para um transporte marítimo com menor intensidade de carbono. «Este projeto otimizará as rotas de transporte terrestres e marítimas, melhorando a pegada de CO₂», considera Tsvetelina Gancheva, da Oliva. «Tem uma abordagem integrada que garante a atenuação das alterações climáticas, assegurando simultaneamente a gestão costeira e a prevenção de inundações.»

“ Garante a atenuação das alterações climáticas, assegurando simultaneamente a gestão costeira e a prevenção de inundações. ”

Ao mesmo tempo, a carga que atravessa o centro de Varna será significativamente reduzida, o que representa um benefício para a população da cidade. «Tradicionalmente, o porto de Varna estava localizado mais próximo do mar», afirma José Rino, engenheiro civil que trabalhou no projeto no Banco Europeu de Investimento. «Mas a sua proximidade imediata com o centro da cidade tinha um impacto negativo na população em geral, devido à poluição sonora e atmosférica. Uma das principais etapas deste projeto consistiu em garantir que a nova infraestrutura portuária fosse deslocada para a parte interior do lago Varna, afastada da zona habitada.»

Melhoria das acessibilidades marítimas em Leixões

Uma vez que cerca de 74 % das mercadorias entram ou saem da Europa por via marítima, é fundamental investir em infraestruturas marítimas modernas, tanto para a indústria agroalimentar como para a carga industrial. Um projeto no porto de Leixões, o principal porto marítimo do norte de Portugal e o segundo maior do país em termos de carga e de contentores, permite que navios de maiores dimensões façam escala no porto e dá resposta ao problema de congestionamento, melhorando a eficiência e o desempenho ambiental da cadeia de abastecimento marítimo.

O Banco Europeu de Investimento assinou um empréstimo de 60 milhões de EUR com a Administração dos Portos do Douro, Leixões e Viana do Castelo, destinado a financiar a melhoria das acessibilidades marítimas ao porto de Leixões, aumentando a profundidade do canal de acesso para 15,5 metros e prolongando o atual quebra-mar em 300 metros. «Nos últimos anos, as dimensões dos navios têm vindo a aumentar, a fim de obter economias de escala, transportando mais carga e percorrendo maiores distâncias», afirma José Rino, engenheiro civil do Banco Europeu de Investimento que também trabalhou neste projeto. «É necessário adaptar as atuais infraestruturas portuárias para que estes navios de maiores dimensões possam entrar no porto. Este projeto é essencial, se Portugal quiser continuar a ser competitivo no setor do comércio marítimo.»

AUTOESTRADAS DA NATUREZA

Um plano para revitalizar as vias navegáveis interiores da Lituânia com barcaças elétricas poderá reduzir as emissões de carbono, ao evitar 48 000 viagens de camião por ano

O engenho humano é capaz de resolver todos os tipos de problemas complexos e de encontrar soluções para ultrapassar toda a espécie de obstáculos. Mas, por vezes, a melhor resposta está na natureza. Por exemplo, para transportar mercadorias pesadas e volumosas para o mar, podemos construir estradas, pontes e camiões a gasolina cujas emissões de CO₂ contribuem significativamente para as alterações climáticas. Ou podemos simplesmente transportá-las ao longo dos rios, verdadeiras autoestradas da natureza.

Com uma extensão de quase mil quilómetros, o rio Nemunas nasce nas terras altas da Bielorrússia, atravessa os pântanos da Lituânia e vai desaguar no mar Báltico. Na Lituânia, a bacia hidrográfica do Nemunas, com mais de 20 000 afluentes e subafluentes, cobre quase três quartos do território do país. O rio foi muito utilizado para o transporte de mercadorias no século XIX, bem como durante a era soviética, quando eram transportados até três milhões de toneladas por ano através da principal via navegável do país.

Mas toda a frota de transporte de carga fluvial da Lituânia foi desmantelada logo no início do processo de privatização que se seguiu ao colapso da União Soviética, e a rede de vias navegáveis interiores do país caiu em desuso.

Atualmente, a autoridade para as vias navegáveis interiores da Lituânia está a trabalhar num plano para revitalizar o transporte de carga no Nemunas. A sua frota de navios elétricos cobrirá a distância de 260 km entre o polo industrial e de transportes de Kaunas, no centro do país, e o porto de Klaipėda, na costa do mar Báltico. «A Lituânia importa a maior parte das suas matérias-primas e dos seus produtos de base e exporta muitos cereais, cerca de cinco milhões de toneladas por ano», explica Vladimiras Vinokurovas, diretor-executivo da autoridade para as vias navegáveis. «As vias navegáveis são perfeitas para o transporte deste tipo de cargas pesadas e de grandes dimensões, e Kaunas é um grande centro de produção com uma excelente localização, em pleno coração da Lituânia.»

A autoridade tem colaborado com os serviços de aconselhamento do Banco Europeu de Investimento para desenvolver um modelo económico prático. Os serviços de aconselhamento do Banco identificaram um modelo de barcaça elétrica que funciona bem nas águas pouco profundas do Nemunas e ajudaram a realizar um estudo de viabilidade que proporcionou à autoridade uma visão completa do projeto. Os responsáveis governamentais puderam, assim, tomar uma decisão informada e fazer avançar o projeto. Os peritos do Banco descreveram em pormenor a forma como as vias navegáveis podem ajudar a economia lituana e o ambiente, tendo identificado formas de reduzir os gases com efeito de estufa e a poluição atmosférica, diminuir o congestionamento rodoviário e os acidentes, atenuar a poluição sonora e melhorar a biodiversidade. «O transporte de mercadorias nesta via navegável será mais respeitador do ambiente», considera Brendan McDonagh, consultor de projetos do Banco Europeu de Investimento. «Estimamos que cada viagem de ida e volta de uma das barcaças poderá evitar mais de 100 viagens de camião. Quando o projeto atingir a sua plena capacidade, tal significará menos 48 000 viagens de camião por ano e uma redução das emissões de CO₂ de mais de 14 000 toneladas por ano.»

“ As vias navegáveis são perfeitas para o transporte de cargas pesadas e de grandes dimensões. ”

MUDANÇA DE RUMO CONTRA O ASSÉDIO

A empresa de transportes públicos de Barcelona TMB avança com um plano para prevenir o assédio sexual

Durante as conversações que a empresa de transportes públicos de Barcelona, Transports Metropolitans de Barcelona, ou TMB, manteve com o Banco Europeu de Investimento com vista à concessão de empréstimos para renovar o seu material circulante e adquirir autocarros elétricos e infraestruturas de carregamento para a cidade, constatou-se que era necessário resolver um outro problema. Ao elaborar as suas políticas em matéria de responsabilidade social e de igualdade de oportunidades, a empresa, tal como muitas outras do setor dos transportes, teve de abordar a questão de como evitar o assédio sexual e a discriminação nas suas redes de transportes públicos. «O nosso plano original incluía apenas medidas para prevenir o assédio dirigido especificamente às mulheres», recorda Raquel Diaz, diretora da TMB para a responsabilidade social, as mulheres e a diversidade. «Esse plano evoluiu e passou a integrar medidas específicas para combater o sentimento anti-LGBTIQ+.»

Graças ao financiamento da plataforma de aconselhamento InvestEU, os peritos dos Serviços de Aconselhamento do BEI e uma equipa de especialistas em questões de mobilidade e de género de Espanha, de Portugal e da Alemanha contribuíram para ajudar a TMB a acelerar a execução do plano e a definir indicadores para medir o seu impacto. «A TMB já tinha publicado um plano de prevenção do assédio sexual e do sentimento anti-LGBTIQ+», afirma Manuel Pastor de Elizalde, especialista em mobilidade urbana do Banco Europeu de Investimento. «A empresa já tinha realizado progressos significativos neste domínio, mas o plano ainda estava na sua fase inicial.»

Criação de um mecanismo de reclamação inspirador de confiança

Em 2020, o Governo da Catalunha realizou um inquérito que revelou que 17 % de todos os atos criminosos na região ocorrem nos transportes públicos e que 60 % das vítimas são mulheres. Entre as mulheres com idades compreendidas entre os 16 e os 25 anos, 91,6 % declararam ter sido assediadas nos transportes públicos. «Todos sabemos que isto acontece», afirma Carmen Niethammer, especialista sénior em questões de género do Banco Europeu de Investimento. «A questão reside em saber como podemos melhorar a confiança no mecanismo de reclamação». Em 2023, os Serviços de Aconselhamento do BEI realizaram um inquérito que abordava este problema.

«Quando pensamos na acessibilidade dos transportes», afirma Floridea Di Ciommo, chefe da equipa de consultores externos que trabalhou no projeto, «imaginamos sempre que se trata de reduzir os tempos de viagem, de melhorar a acessibilidade física ou de saber se é possível chegar a uma paragem de autocarro em poucos minutos. São critérios visíveis. Mas se uma pessoa for agredida, ou se uma jovem for observada fixamente, incomodada ou mesmo tocada, é claro que, se puder, evitará utilizar o transporte público.»

O trabalho realizado pelos consultores confirmou o que a TMB tinha compreendido desde o início: prevenir o assédio sexual não é apenas uma questão de responsabilidade social, mas também uma medida benéfica para a comunidade do ponto de vista económico.

A TMB e o banco da UE esperam que o plano de prevenção do assédio em razão do género sirva de modelo para outras regiões, cidades e empresas de transportes. «A ideia é que Barcelona seja amplamente reconhecida pelas suas boas práticas», explica Carmen Niethammer, «para demonstrar que um plano de prevenção do assédio em razão do género é um investimento na comunidade, com benefícios económicos e empresariais tangíveis, e fazer com que todos os nossos projetos na União Europeia sigam esse modelo.»

“ Todos sabemos que isto acontece. ”

PLANOS

PARA UM MUNDO JUSTO E VERDE

“ Estamos plenamente alinhados com as prioridades da UE e na vanguarda do apoio às suas principais iniciativas, como a Global Gateway. No âmbito da Equipa Europa, e tirando partido dos sólidos conhecimentos técnicos de que esta dispõe, promovemos iniciativas coordenadas e com impacto num elevado número de países, em estreita cooperação com os nossos parceiros. Estamos a aumentar o número de efetivos no terreno e a desenvolver novos produtos e características de produtos adaptados aos contextos de diferentes partes do mundo e ao aumento do peso da dívida em muitas regiões. Asseguramos que os nossos recursos destinados ao financiamento misto e à prestação de serviços de aconselhamento são direcionados para os locais onde são mais necessários. Além disso, acompanhamos e comunicamos de forma sistemática os resultados e o nosso contributo para a consecução dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), desde a avaliação do projeto até ao seu encerramento, utilizando o sofisticado Quadro de Medição da Adicionalidade e do Impacto do Banco e um rigoroso levantamento dos ODS. ”

Markus Berndt, diretor-geral adjunto da EIB Global

“ O desenvolvimento sustentável é a via para o futuro. Ao financiar infraestruturas hídricas e sociais na Jordânia e na Tunísia, ou a reflorestação de parques nacionais em Marrocos e a despoluição industrial no Egito, a EIB Global colabora com a Equipa Europa para preparar o caminho para o crescimento do emprego, da economia e do capital humano, bem como para a proteção do ambiente. ”

Kristina Kanapinskaite, chefe da Divisão Setor Público – Vizinhança Meridional da EIB Global

“ O Banco tem prestado um apoio vital à Ucrânia desde a invasão russa, mobilizando mais de 2 mil milhões de EUR para financiar os esforços de recuperação. Em 2023, lançámos a iniciativa «EU for Ukraine», com vista a mobilizar financiamento adicional e apoio consultivo para reconstruir infraestruturas críticas, financiar investimentos prioritários e reforçar a resiliência das empresas e da sociedade. O banco da UE continuará a desempenhar um papel fundamental na Ucrânia. A nossa experiência e capacidade de financiamento únicas apoiarão a adesão da Ucrânia à União Europeia, em estreita cooperação com a Comissão Europeia. ”

Lionel Rapaille, diretor do Departamento de Alargamento e Vizinhança da EIB Global

Fora da União Europeia, o mundo é menos estável do que se poderia pensar há apenas alguns anos. A EIB Global, a direção do BEI dedicada ao desenvolvimento, prossegue, de forma concreta e em todo o mundo, as metas específicas em matéria de sustentabilidade, desenvolvimento, ação climática e digitalização fixadas nos objetivos políticos da União Europeia. Os projetos da EIB Global que visam a reconstrução de escolas e hospitais danificados pela guerra na Ucrânia ou que apoiam a segurança alimentar em África têm todos o mesmo objetivo: promover a liberdade, a dignidade humana e o Estado de direito. Porque quando se alia a riqueza a estes valores, a prosperidade, mesmo para além das nossas fronteiras, traduz-se num crescimento humano partilhado que é benéfico para todos.

“ Os mercados emergentes e as economias em desenvolvimento carecem frequentemente dos recursos públicos necessários para dar resposta às suas necessidades de desenvolvimento. A EIB Global tem um papel importante a desempenhar na redução do risco dos projetos e na atração de investidores privados, a fim de promover a agenda dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Otimizamos projetos de grande impacto a um nível que, de outro modo, não seria possível alcançar, assegurando o cumprimento das melhores práticas ambientais, sociais e de governação e promovendo o desenvolvimento sustentável e responsável. ”

Milena Messori, diretora em exercício do Departamento de Financiamento das Empresas e Atividades Transversais da EIB Global

UM MODELO ECOLÓGICO EM ÁFRICA

O Quênia exporta tecnologia de energias renováveis, moderniza os transportes e promove a inovação

Numa ponte pedonal com vista para uma das estradas mais movimentadas de Nairóbi, Ann Masiga observa um fluxo de miniautocarros privados que transportam trabalhadores pendulares para os seus lares nos arredores da cidade. Mesmo alguns metros acima do tráfego, o ar é denso, poluído pelos fumos dos escapes dos veículos a gasolina e gasóleo. Ann Masiga está a desenvolver esforços intensos com o Governo queniano para corrigir a desorganização do serviço de trânsito e melhorar a qualidade do ar. «Melhores redes de transportes, de água e de energia são aspetos extremamente importantes para este país», afirma Ann Masiga, gestora de empréstimos do Banco Europeu de Investimento em Nairóbi. «Infraestruturas deficientes ou maus sistemas de transportes constituem um obstáculo para tudo: levar as crianças à escola, arranjar emprego, comprar alimentos ou ir ao hospital. Não me canso de insistir nestas questões porque o meu trabalho tem um impacto positivo na vida de muitos cidadãos comuns do Quênia.»

Um dos maiores projetos de Ann Masiga, lançado em 2023, é um novo sistema de autocarros rápidos para a capital. Atualmente desprovida de sistemas de transportes formais, Nairóbi disporá em breve de terminais de autocarros modernos, plataformas para facilitar a entrada e a saída nos autocarros, paragens bem iluminadas, vias pedonais e ciclovias, assim como faixas reservadas aos autocarros nas autoestradas sobrelotadas. O projeto inclui uma das primeiras linhas de autocarros totalmente elétricos na África Oriental. **Ann Masiga teve um papel importante na equipa do Banco Europeu de Investimento que preparou um empréstimo de 201 milhões de EUR para financiar a linha elétrica. O acordo, assinado em outubro de 2023, inclui uma subvenção de 32 milhões de EUR da União Europeia.** «Vamos mesmo fazer a diferença no sistema de serviços públicos de Nairóbi», explica Ann Masiga, cuja carreira como funcionária pública é inspirada na mãe, Elizabeth Semo Masiga, pioneira da educação das mulheres no Quênia e a primeira secretária permanente do Ministério da Educação. «O projeto terá um efeito impulsionador que poderá mudar os sistemas de transportes em todo o país.»

Ligar o clima e a inovação no Quênia

A nova linha de autocarros elétricos é um indicador da forma como o futuro do Quênia está estreitamente ligado à ação climática e às tecnologias inovadoras. O país, líder no setor das energias renováveis, está a aumentar o seu investimento nas tecnologias verdes, bem como a incentivar as empresas a serem inovadoras e

a estarem mais dispostas a procurar oportunidades de crescimento em todo o continente. Está também a desenvolver iniciativas para aumentar o abastecimento alimentar, apoiar as pequenas explorações agrícolas, melhorar as exportações e ser mais inclusivo para os grupos desfavorecidos da sociedade. O autocarro elétrico é uma artéria vital deste Quênia voltado para o futuro, um país onde os produtores de milho caminham pelos campos com o olhar atento a aplicações móveis para melhorar os rendimentos ou onde os produtores de manga utilizam

tecnologia de ponta de armazenamento de frio para preservar as colheitas. E as modernas centrais geotérmicas do país constituem o modelo para a replicação de programas de energias renováveis em toda a África.

Este é o Quênia inovador que encontrou um parceiro no Banco Europeu de Investimento. Nairóbi é o centro regional do banco da UE, com cerca de 30 dos seus funcionários a trabalharem na EIB Global, a direção do BEI dedicada ao desenvolvimento. O centro regional da África Oriental presta apoio aos seguintes países: Quênia, Etiópia, Sudão, Sudão do Sul, Uganda, Ruanda, Burundi, Tanzânia, Eritreia, Jibuti e Somália. Desde meados da

“ **Sem energia geotérmica, este país teria muita dificuldade em satisfazer a sua procura de eletricidade.** ”

O QUÊNIA EM DESTAQUE

década de 1970, o Banco Europeu de Investimento investiu mais de 1,5 mil milhões de EUR no Quênia nos domínios das energias renováveis, do acesso à água potável, do desenvolvimento urbano, da inclusão financeira e das pequenas empresas. A criação do centro regional, em 2021, e da EIB Global, em 2022, veio reforçar ainda mais a presença e o impacto do Banco na região.

Inovação para o Quênia ultrapassar a fase de poluição climática

Para garantir um futuro brilhante, a ação climática e a inovação têm ambas uma importância vital, na Europa e no resto do mundo. Mas África está fortemente ameaçada pelo aquecimento global. O continente precisa de biliões de dólares em investimentos ecológicos, e o Quênia pretende estar na vanguarda da transição. O Quênia tem condições para ultrapassar a fase de crescimento industrial altamente poluente, evoluindo para uma sociedade mais sustentável. Em 2008, o país lançou o programa de desenvolvimento «Vision 2030», com o objetivo de passar a utilizar 100 % de energias renováveis até 2030. **As fontes renováveis já fornecem mais de 90 % da eletricidade do Quênia. O país efetuou investimentos avultados em centrais hidroelétricas e solares e, sobretudo, na energia geotérmica.** As explorações geotérmicas produzem mais de 40 % da energia do Quênia.

Desde a década de 1950, «o Quênia é o pioneiro do progresso geotérmico em África», afirma Peketsa Mangi, no meio de um campo luxuriante no Grande Vale do Rift, no Quênia, com plumas de vapor espesso, branco e ruidoso a jorrar da terra atrás de si. Embora tenha crescido na zona rural do Quênia, sem eletricidade, numa casa iluminada por candeeiros escurecidos pelo fumo, Peketsa Mangi é agora diretor-geral de desenvolvimento geotérmico na central de Olkaria, uma das maiores explorações geotérmicas do mundo. Localizado a cerca de 120 quilómetros a norte de Nairóbi, o complexo situa-se maioritariamente no Parque Nacional Hell's Gate. O parque é conhecido pelos seus imponentes penhascos, desfiladeiros, torres rochosas, termas naturais e plumas de vapor que emanam das profundezas subterrâneas. A energia geotérmica surge através de longas falhas na crosta terrestre que atravessam a África Oriental e trazem o calor do magma do planeta para mais perto da superfície.

Totalmente ladeadas por propriedades agrícolas e explorações de floricultura, as centrais geotérmicas de Olkaria aproveitam a energia da Terra, perfurando vários milhares de metros no solo, capturando depois o vapor e transportando-o através de condutas para acionar turbinas que produzem eletricidade. Tubos brancos de grandes dimensões transportam água ou vapor por todo o complexo de Olkaria, que cobre uma extensão de cerca de 70 quilómetros quadrados. Os tubos assentam em estacas para permitir que os animais passem por baixo e possuem mesmo pórticos para que as girafas altas possam passear livremente. De manhã, as girafas comem a primeira refeição do dia nas árvores próximas dos edifícios da central geotérmica. «Sem energia geotérmica, este país teria muita dificuldade em satisfazer a sua procura de eletricidade», explica Peketsa Mangi.

O Banco Europeu de Investimento é um dos maiores financiadores das explorações geotérmicas do Quênia, tendo efetuado vários investimentos avultados desde a década de 1980. Mais recentemente, em 2017, financiou novos poços e sistemas de recolha de vapor em Olkaria. O Banco também financiou o maior parque eólico de África, situado numa zona quente e seca do norte do Quênia, junto ao Lago Turkana. **Em 2014, o BEI assinou um empréstimo de 225 milhões de EUR para este parque eólico, dando um grande impulso ao financiamento e à confiança no projeto, cuja execução se prolongou por uma década. A União Europeia contribuiu com 25 milhões de EUR para o projeto através do Fundo Fiduciário UE-África para as Infraestruturas.** A região dispõe agora de mais de 300 turbinas eólicas e fornece eletricidade a mais de um milhão de lares.

Anna Mwangi, geofísica no complexo de Olkaria e mentora ativa de jovens mulheres no setor da energia, considera que esta indústria constitui uma boa oportunidade para as mulheres progredirem. A inclusão é um tema importante na sociedade e na indústria quenianas, afirma Anna, uma vez que cada vez mais mulheres defendem a igualdade de tratamento e de emprego. Anna Mwangi trabalhou durante quase 15 anos na Kenya Electricity Generating Co., a empresa pública de eletricidade. As atitudes em relação ao género foram mudando ao longo deste tempo e ainda estão a evoluir. «O Quênia assumiu a liderança não só no setor da energia», afirma, «mas também na capacitação das mulheres neste domínio e no reconhecimento dos recursos que estas possuem.»

Inovação para facilitar o acesso aos alimentos

Muitas novas empresas no Quênia estão a adotar políticas de igualdade de género e a reconhecer a necessidade de outras medidas sociais e ambientais. A Cold Chain, que inaugurou em agosto de 2023 um entreposto frigorífico de última geração em Tatu, a cerca de 40 quilómetros de Nairóbi, tem uma política moderna de energia verde e um plano social para capacitar as mulheres. A empresa incentiva as mulheres a seguirem uma carreira em qualquer área do setor e também promove empregos para grupos desfavorecidos da sociedade. As instalações imaculadas foram construídas com materiais eficientes do ponto de vista energético, sendo o maior entreposto frigorífico do seu tipo no continente, excluindo a África do Sul.

Em 2021, o Banco Europeu de Investimento assinou um investimento em capital próprio de 15 milhões de EUR com o fundo que construiu o entreposto em Tatu. Este fundo da África Oriental, denominado ARCH

Cold Chain Solutions East Africa, está a construir instalações de armazenamento de frio nesta região do continente e foi apoiado por um mecanismo de investimento financiado pelos Estados-Membros da União Europeia. Esta operação é também uma parte importante do esforço do Quênia para apoiar um dos principais Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas: erradicar a fome. Em algumas regiões de África, mais de 50 % dos alimentos estragam-se antes de poderem ser consumidos, devido à falta de refrigeração. Quando estiver totalmente

“ Tenho imenso orgulho em fazer parte deste projeto de grande impacto. ”

operacional, a Cold Chain armazenará bananas, maçãs, abacates, aves de capoeira e outros produtos perecíveis, protegerá os produtos destinados aos restaurantes e ajudará as empresas farmacêuticas, especialmente as que armazenam vacinas contra a COVID-19.

«A insegurança alimentar causa inúmeros problemas na sociedade, e existe uma enorme lacuna no armazenamento de frio», afirma Geoffrey Emungat, gestor de instalações no entreposto de Tatu, enquanto caminha pelo extenso armazém. «O governo e o setor privado estão a envidar todos os esforços para eliminar os riscos do armazenamento e transporte de alimentos, mas esta unidade também pretende ter uma boa influência na sociedade e no clima. Tenho imenso orgulho em fazer parte deste projeto de grande impacto.»

Inovações que promovem sociedades inclusivas

A Vert, uma empresa de transformação de manga em Machakos, a cerca de uma hora de carro de Nairóbi, é outra exploração que está a expandir-se e, simultaneamente, tem um impacto positivo na sociedade. A empresa recebeu um empréstimo do Equity Bank, um mutuário queniano que é um dos principais apoiantes das pequenas explorações agrícolas. **O Equity Bank assinou, em 2019 e em 2020, dois acordos com o Banco Europeu de Investimento, no montante de 25 milhões de EUR cada.** Os acordos incluíam subvenções da União Europeia e faziam parte do «Kenya Agriculture Value Chain Facility», um mecanismo de apoio à cadeia de valor do setor agrícola queniano. Este programa, apoiado pela União Europeia, ajuda as empresas agrícolas a modernizarem-se, melhorando as atividades dos pequenos agricultores, promovendo sociedades inclusivas e ajudando os jovens.

A Vert fornece grandes produtores de sumos, como a Coca-Cola, e vende uma variedade de fruta desidratada. Trabalha com mais de 5 000 pequenas explorações agrícolas. Para ser ecológica, utiliza sementes e cascas de manga para alimentar as caldeiras da fábrica, bem como painéis solares para reduzir a dependência da rede elétrica nacional. A empresa dá prioridade à contratação de mulheres e à colaboração com explorações agrícolas geridas por mulheres. «O Quênia está a criar um ambiente propício para que as mulheres participem mais na economia e mostrem o seu valor», afirma Jane Maina, diretora-geral da Vert.

Seguros inovadores para os pequenos agricultores

A Pula, uma empresa que propõe produtos de seguros para as explorações agrícolas de menor dimensão, está a tentar crescer através da aposta em mais inovação e na resolução de alguns dos problemas mais importantes da sociedade. Muitas vezes, os proprietários das pequenas explorações agrícolas não dispõem de qualquer sistema de apoio e debatem-se com a imprevisibilidade das chuvas, das vagas de calor e das secas causadas

O QUÊNIA EM DESTAQUE

pelas alterações climáticas. «Os nossos produtos destinam-se a pessoas que praticam agricultura de subsistência, para o seu consumo diário, e que talvez vendam alguns dos seus produtos para poderem pagar as propinas escolares ou as despesas correntes das suas famílias», explica Faith Kinuthia, diretora de operações da Pula no terreno. «O seguro ajuda a proteger estes agricultores contra muitos riscos, como a falta de chuva ou as pragas e doenças. Se as pragas entrarem nas explorações agrícolas e destruírem as colheitas, os agricultores, que estão a passar por muitas transformações provocadas pelas alterações climáticas, ficam sem nada.»

Os pequenos agricultores representam uma parte considerável da força de trabalho no Quênia, onde a agricultura é a principal fonte de atividade económica, de emprego e de exportações. A agricultura emprega mais de 40 % da população, incluindo 70 % da população rural, e representa mais de 30 % do produto interno bruto do Quênia. Dominick Wanyoike gere uma pequena exploração de milho em Nakuru County, uma região que conta sobretudo com pequenos agricultores que vivem, cada um, em menos de cinco hectares. «Decidimos fazer um seguro depois de, recentemente, termos tido um ano em que esperávamos que chovesse como é habitual, mas tal não aconteceu», explica Dominick Wanyoike. «A colheita efetiva foi muito baixa, a nossa vida estava a complicar-se e as secas cada vez mais frequentes estavam a tornar a vida difícil.»

A Pula lançou os seus produtos de seguro destinados às pequenas explorações agrícolas do Quênia em 2015 e está a expandir-se para outros países da região. A empresa incorpora o seguro nos custos das sementes e dos fertilizantes ou propõe o seguro através de subvenções públicas, o que mantém o custo do seguro baixo para os agricultores, que são indemnizados se os seus rendimentos forem inferiores a um determinado nível. **A Pula recebeu apoio do Africa Fund, pertencente à empresa de capital de risco TLcom, vocacionada para as empresas tecnológicas em fase de expansão. O Banco Europeu de Investimento é um dos principais investidores da TLcom. O Banco assinou um acordo de investimento no valor de 10 milhões de EUR em 2016 e está a ponderar outro investimento para ajudar mais novas empresas africanas. Este investimento faz parte da iniciativa «Boost Africa», financiada pela Comissão Europeia.**

Inspirar a mudança no setor dos transportes no Quênia

As alterações climáticas, que têm um efeito muito negativo nos pequenos agricultores, são também um fator importante subjacente ao principal projeto urbano do país: o novo sistema de autocarros e a sua linha totalmente elétrica. As estradas de Nairóbi estão frequentemente congestionadas, e o trânsito arrasta-se nas horas de ponta. O número de autocarros urbanos é insuficiente, não há elétricos nem metro, e o serviço ferroviário é muito limitado, pelo que a maioria das pessoas se desloca em monovolumes ou em autocarros privados, denominados «matatus», ou circula nas suas próprias viaturas. À medida que a população da cidade cresce, o congestionamento de tráfego, os tempos de viagem, o ruído e a poluição atmosférica também aumentam. «O governo está realmente empenhado em melhorar a situação dos autocarros», afirma Joseph Kochalle, engenheiro rodoviário da autoridade para os transportes da área metropolitana de Nairóbi. «É extremamente difícil chegar a casa ou planear uma viagem em Nairóbi.»

Num final de tarde, no centro de Nairóbi, Carolyne Omondi está parada e atenta ao trânsito na berma de uma autoestrada movimentada, à espera de iniciar a sua longa viagem de regresso a casa, no bairro informal de Kibera, depois de um dia intenso de trabalho. Automóveis, furgonetas, carrinhas, camiões e veículos pesados de mercadorias passam rente aos seus pés, enquanto procura um autocarro. À semelhança da maioria dos trabalhadores pendulares, Carolyne Omondi espera em longas filas e em condições inseguras para apanhar uma boleia num «matatu», um veículo quase sempre velho, desconfortável e em mau estado. «Melhores autocarros e transportes», explica Carolyne, «seriam um grande passo para melhorar a minha vida.»

“ Decidimos fazer um seguro depois de, recentemente, termos tido um ano em que esperávamos que chovesse como é habitual, mas tal não aconteceu. ”

NUNCA OS ABANDONAREMOS

Dos hospitais aos transportes, o apoio do banco da UE ajuda as cidades ucranianas no esforço para manter o acesso à água, à eletricidade, ao aquecimento e aos cuidados de saúde

Quando lhe pediram para enumerar as dificuldades com que se tem deparado ao trabalhar num hospital ucraniano durante a guerra, Maria Bobkova não sabia por onde começar. «Temos tido problemas em todo o hospital, desde a entrada, no rés-do-chão, até ao telhado», refere Maria Bobkova, de 71 anos de idade, médica-chefe do hospital n.º 8 de Odessa. «O hospital é muito grande e tem vários edifícios, todos a necessitar de obras.»

Situada na costa meridional da Ucrânia, Odessa foi uma das primeiras zonas bombardeadas quando a Rússia invadiu o país, em fevereiro de 2022. Os hospitais de Odessa têm tido dificuldade em manter o fornecimento de energia elétrica, bem como os equipamentos e o pessoal médico. Mesmo antes da guerra, hospitais como o n.º 8, construído em 1964 e nunca renovado, precisavam de imensas reparações. A fim de ajudar Maria Bobkova e a sua equipa a colmatar as lacunas, **a EIB Global, a direção do Banco Europeu de Investimento dedicada ao desenvolvimento, desembolsou um empréstimo de 600 000 EUR para renovar a policlínica do hospital n.º 8**, que é conhecida pelos seus especialistas altamente qualificados. Assim, em julho de 2023, o hospital concluiu as principais obras de reabilitação, com a aquisição de mobiliário novo, a reparação das fundações, a abertura de salas especializadas e a instalação de novas fontes de energia, bem como a colocação de isolamento nas paredes e de um novo telhado para impedir as infiltrações. Foram instalados geradores potentes para fornecer eletricidade durante os apagões causados pela guerra. «Agora, temos um hospital completamente diferente», afirma Maria Bobkova. «Muitas pessoas não acreditavam que tais mudanças fossem possíveis durante a guerra.»

Em muitas cidades, o abastecimento é precário

Desde o início da guerra, o Banco Europeu de Investimento tem vindo a aprovar mensalmente financiamentos de emergência em toda a Ucrânia, com especial incidência em infraestruturas como linhas elétricas, sistemas de aquecimento, sistemas de abastecimento de água, hospitais, escolas, estradas, ferrovias, elétricos, pontes e centros comunitários. A guerra afetou gravemente o acesso dos habitantes à água, à eletricidade, ao aquecimento, aos cuidados de saúde, à educação e aos serviços sociais. Em muitas cidades do leste do país, onde os combates são intensos, o abastecimento de água, de aquecimento e de eletricidade é precário.

«É sempre difícil falar com os presidentes de câmara, porque nunca sei ao certo qual é a gravidade da situação», explica Violaine Silvestro von Kameke, gestora de empréstimos sénior do Banco Europeu de Investimento que trabalha em projetos ucranianos e contacta regularmente com muitos presidentes de câmara. «Quando falam comigo, os presidentes de câmara estão muitas vezes num abrigo ou a evitar estar junto a uma janela. Por vezes, estão a certificar-se de que as suas famílias estão em segurança. Enquanto falamos, há ocasiões em que soa um alarme e têm de se dirigir apressadamente para um abrigo. Digo aos presidentes de câmara que admiro a sua capacidade de resistência e que nunca os abandonaremos.»

Novo fundo de investimento para setores prioritários

A mais recente assistência disponibilizada pelo Banco Europeu de Investimento destina-se a um veículo de investimento especializado, denominado Fundo «EU for Ukraine». Este fundo presta ajuda em todos os setores, incluindo investimento em capital de risco para o setor privado. **Os Estados-Membros da UE comprometeram-se a afetar mais de 400 milhões de EUR a este fundo da EIB Global** para setores como a saúde, os transportes, a educação, a cibersegurança, as infraestruturas sociais críticas e o setor privado.

// **Muitas pessoas não acreditavam que tais mudanças fossem possíveis durante a guerra.** //

A assistência do Banco Europeu de Investimento à Ucrânia assume também outras formas: em 2023, um pacote de garantias de empréstimo que permite ao Banco Europeu de Investimento disponibilizar **100 milhões de EUR em novos financiamentos e 100 milhões de EUR em assistência técnica** para ajudar a Ucrânia a preparar projetos de recuperação; **no início de 2022, um primeiro pacote de recuperação no montante de quase 700 milhões de EUR** para assistência imediata à Ucrânia, coberto por uma garantia da União Europeia; no final de 2022, 1,6 mil milhões de EUR, com o apoio da Comissão Europeia, para reparações de emergência em linhas ferroviárias, estradas, pontes e um vasto leque de edifícios urbanos e habitações; e **4 mil milhões de EUR para ajudar mais de 6 milhões de ucranianos forçados a viver noutros países europeus durante a guerra.**

«Somos constantemente contactados por cidades que nos dizem o que precisam de adquirir e nós tentamos encontrar formas de lançar os projetos e identificar as prioridades», explica István Heinczinger, especialista sénior do Banco Europeu de Investimento para o setor dos transportes, que está a ajudar as cidades ucranianas a modernizar as suas frotas de elétricos, metros, tróleys e autocarros. Desde 2007, o Banco investiu mais de 2,7 mil milhões de EUR em projetos no domínio dos transportes na Ucrânia, e este montante está a aumentar durante a guerra.

Contacto diário com peritos das Nações Unidas

Para realizar este trabalho, o Banco Europeu de Investimento está em estreito contacto com gestores de projetos do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento que trabalham na Ucrânia, como é o caso de Igor Kistenyov-Kavkazkii. Os gestores de empréstimos ou os engenheiros do BEI contactam este tipo de especialistas semanalmente ou, por vezes, diariamente. «Este trabalho de recuperação que estamos a realizar é essencial para a estabilidade do Estado e para o apoio à população num momento tão difícil», afirma Igor Kistenyov-Kavkazkii cuja equipa de coordenação técnica da ONU está parcialmente sediada em Kramatorsk, na região de Donbass, no leste da Ucrânia, uma das primeiras zonas invadidas pela Rússia. «A reconstrução é uma necessidade urgente.»

As escolas e as crianças são duas das prioridades em matéria de reconstrução e de recuperação. Um empréstimo de um milhão de EUR do Banco Europeu de Investimento ajudou a reconstruir a escola V.I. Vernadskyi em Shyshaky, no centro leste da Ucrânia. Em setembro de 2023, a escola reabriu as suas portas a 466 alunos, incluindo crianças de famílias que tiveram de fugir dos combates perto da fronteira oriental. «Temos de ser pacientes», afirma Inna Hamchuck, professora de História noutra escola que foi reabilitada com financiamento do Banco Europeu de Investimento. «Todas as crianças na Ucrânia têm direito a uma educação de qualidade, mas neste momento é difícil.»

PEQUENAS EMPRESAS JUNTO AO GRANDE RIO

O Egito pretende criar um milhão de novas pequenas empresas, reduzir o congestionamento de tráfego nas grandes cidades e apostar mais nos transportes elétricos, bem como utilizar de forma mais eficiente a água que corre no Nilo

Os amigos e a família de Rasha Mohamed avisaram-na de que era demasiado arriscado abrir uma loja de roupa em tempos de crise económica, mas ela já planeava o seu projeto há vários anos. Por isso, quando o empréstimo para a sua empresa foi aprovado, não hesitou. «No Egito, muitas pessoas como eu querem fazer o mesmo», explica Rasha Mohamed, que pediu um empréstimo de 100 000 libras egípcias (3 000 EUR), em 2022, para abrir uma loja a cerca de 40 quilómetros a oeste do centro do Cairo, onde vende vestidos modernos, roupa de criança e abaias, as túnicas compridas usadas pelas mulheres egípcias e inspiradas em desenhos culturais tradicionais. «As pessoas anseiam por este tipo de apoio. Sem ajuda financeira, é muito difícil fazer algo deste género, especialmente em tempos difíceis.»

Os postos de trabalho nas pequenas e médias empresas representam quase 75 % do emprego total no Egito, pelo que, quando existem problemas económicos, muitos meios de subsistência ficam em risco. Em 2023, o país debateu-se com o aumento da dívida, a inflação e a desvalorização da sua moeda. **A resposta consistiu em centrar a assistência nas pequenas empresas. O Egito tem como objetivo ajudar um milhão de homens e mulheres a criarem a sua própria empresa nesta década, prestando formação e aconselhamento financeiro aos jovens.** Esta assistência é ainda mais urgente depois de um elevado número de pessoas ter perdido o emprego durante a pandemia de COVID-19.

A terra de Cleópatra, de Tutancámon e da Grande Pirâmide enfrenta todos os desafios de um grande país em desenvolvimento, desde a falta de emprego para uma população jovem em crescimento aos efeitos das alterações climáticas e à poluição que as alimenta. O Egito está a fazer face a estes obstáculos através do investimento em pequenas empresas, bem como em grandes projetos de infraestruturas que melhoram a qualidade dos recursos hídricos, o saneamento, a irrigação e a agricultura e reduzem as emissões provenientes de fábricas e sistemas de transportes obsoletos.

Desde 1979, o Banco Europeu de Investimento tem apoiado estes projetos com mais de 15 mil milhões de EUR de investimentos, grande parte dos quais financiados por subvenções ou garantias de empréstimos da União Europeia. Em outubro de 2023, o gabinete do banco da UE no Cairo tornou-se um centro regional, prestando assistência no Norte de África e no Próximo Oriente. O gabinete é uma sucursal fundamental da EIB Global, a direção do Banco dedicada ao desenvolvimento que se ocupa das operações no exterior da União Europeia. Os investimentos do Banco vão desde os grandes sistemas de abastecimento de água até aos empréstimos que os bancos egípcios concedem posteriormente a pequenos empresários, como Rasha Mohamed, cuja loja é apoiada por um empréstimo mais avultado que o Banco Europeu de Investimento concedeu a uma instituição especializada em microfinanciamento, o Banque du Caire.

Despoluir os transportes

Os setores público e privado do Egito estão igualmente a investir na transição ecológica, na economia circular, nas energias renováveis e nas práticas agrícolas modernas. Os contentores de reciclagem são agora comuns em algumas zonas das maiores cidades do Egito. Até as caixas automáticas pedem aos utilizadores que não imprimam os talões, a bem do planeta. «Em última análise, todos vivemos neste planeta. Por isso, queremos mostrar ao resto do mundo que nos preocupamos», salienta Mohamed Wael Nasser, chefe de desenvolvimento de produtos de uma grande empresa gráfica egípcia, a Roto House, que efetuou um investimento avultado para reduzir as emissões de solventes na sua fábrica perto do Cairo, com o apoio de um empréstimo de 2,5 milhões

O EGITO EM DESTAQUE

de EUR do Banco de Alexandria, em 2020. O financiamento da Roto House foi possível porque, **em 2018, o Banco Europeu de Investimento aprovou um empréstimo-quadro de 20 milhões de EUR ao Banco de Alexandria para ajuda às pequenas empresas e, em 2023, apoiou um empréstimo semelhante de 15 milhões de EUR.** «Este tipo de investimento é muito dispendioso, mas é vantajoso para nós», explica Mohamed Wael Nasser. «Ajuda a nossa empresa porque os clientes ficam a saber que nos preocupamos com o ambiente e contribui para a luta contra as alterações climáticas. Atualmente, não estamos a danificar a camada de ozono.»

As alterações climáticas e o ambiente são temas importantes em grandes cidades egípcias como o Cairo. Estão previstos grandes projetos de infraestruturas para combater o congestionamento do tráfego e a poluição na cidade e no país, incluindo mais linhas de metro elétricas, uma das mais longas linhas de monocril eléctrico do mundo, um comboio eléctrico de alta velocidade e um novo sistema de autocarros urbanos. O objetivo é convencer milhões de pessoas a usarem os transportes públicos em vez do automóvel. «Sinceramente, o metro é um dos maiores projetos do Egito», afirma Walid Al-Arif Billah, treinador de natação e recém-licenciado em sistemas de informação, enquanto aguarda a chegada de uma composição na linha 3 do metro do Cairo. **Esta linha, que é a mais moderna da rede, foi financiada por um empréstimo de 600 milhões de EUR do Banco Europeu de Investimento.** «O metro tornou-se um meio de transporte muito simples, seguro e fácil de usar para todos. E depois temos os preços dos bilhetes, que continuam a ser razoáveis para a maioria das pessoas.»

“ Atualmente, no Cairo, muitas pessoas já não conseguem imaginar a sua vida sem metro. ”

O sistema de metro do Cairo, inaugurado em 1987, foi um dos primeiros do seu género em África e no Médio Oriente. Várias linhas de metro transportam milhões de passageiros todos os dias. O Banco Europeu de Investimento contribuiu para a expansão de muitos troços do metro e tem vindo a apoiar outros grandes projetos de transportes há mais de quatro décadas. **Em 2021, o Banco anunciou que iria investir mais de mil milhões de EUR em projetos de metro e de eléctrico no Cairo e em Alexandria ao longo de cinco anos.** A linha 3 é tão moderna como qualquer outro serviço de metro do mundo, com ar condicionado, segurança e iluminação, bilheteiras modernas e carruagens separadas para as mulheres. Em 2023, o Banco está a trabalhar num novo investimento para expandir e modernizar a linha 1 do metro do Cairo. «Atualmente, no Cairo, muitas pessoas já não conseguem imaginar a sua vida sem metro», observa Ahmed Beltagui, engenheiro especializado em energia e transportes que trabalha no gabinete da União Europeia no Cairo. «Do ponto de vista económico, o metro é muito importante para reduzir o congestionamento de tráfego e ajudar as pessoas a chegarem aos seus empregos. Mas também lhes poupa muito tempo. É difícil andar de autocarro no Cairo.»

Soluções para Alexandria

Alexandria tem problemas semelhantes de congestionamento de tráfego e de poluição. Muitas das suas ruas são estreitas e estão apinhadas de automóveis, riquexós de três rodas e táxis amarelos e pretos da Lada, uma marca russa. As linhas de comboio e a rede de eléctricos são antigas e estão a deteriorar-se. Esta cidade, com cerca de cinco milhões de habitantes, é frequentemente invadida por turistas, o que dificulta ainda mais a mobilidade. «Não é fácil deslocarmo-nos, sobretudo na época turística, porque há automóveis por todo o lado», constata Walid Maneb, mergulhador profissional em Alexandria, enquanto toma um chá num restaurante perto de Shatby Beach, uma das muitas praias de areia dourada que se estendem pela linha costeira da cidade. «Melhores comboios e eléctricos nesta cidade seriam uma grande ajuda para todas as pessoas.»

Em setembro de 2023, o Banco Europeu de Investimento aprovou um empréstimo de 750 milhões de EUR para a reabilitação de cerca de 22 km de linhas ferroviárias pendulares em Alexandria, bem como para a aquisição de novas carruagens, a renovação das estações, a instalação de novos carris e a conversão de motores diesel em sistemas eléctricos. Este empréstimo surgiu na sequência de um outro empréstimo de

138 milhões de EUR, concedido em 2020, para modernizar uma linha de elétrico de 13,8 quilómetros em Alexandria, que incluiu a aquisição de novos motores e carruagens. A cidade tem mais de 30 quilómetros de linhas de elétrico que remontam à década de 1860, e muitos troços desta rede precisam de ser modernizados. «Precisamos de reduzir o tráfego automóvel em Alexandria, mas também temos de abordar os problemas de diferentes ângulos», explica Fatma Rashad, diretora-geral de planeamento económico da autoridade de planeamento dos transportes do Egito, durante uma viagem que realizou com um grupo de parceiros internacionais de desenvolvimento a bordo de um comboio a diesel obsoleto numa linha pendular envelhecida e acidentada que será substituída nos próximos anos. «Temos um longo caminho a percorrer, mas estou confiante em que reduziremos significativamente o tráfego e a poluição num futuro próximo.»

A dádiva do Nilo

A água constitui outro grande problema a nível de infraestruturas em Alexandria e em todo o país. O crescimento demográfico, as alterações climáticas, a poluição e os conflitos regionais estão a afetar o abastecimento de água. Os egípcios dependem do rio Nilo para 90 % das suas necessidades de água potável e de irrigação. Costuma dizer-se que o Egito é «a dádiva do Nilo», porque, sem este rio, a maior parte da terra seria um deserto. Atualmente, o Egito é um dos países com maior escassez de água no mundo, com um nível de recursos hídricos *per capita* significativamente inferior à média mundial.

O Banco Europeu de Investimento é um dos maiores investidores em projetos hídricos a nível mundial, tendo concedido financiamentos num montante superior a mil milhões de EUR neste setor, só no Egito. **Em 2018, a União Europeia aprovou uma subvenção de 25 milhões de EUR e o Banco Europeu de Investimento assinou um empréstimo de 214 milhões de EUR com o Egito para reduzir a poluição no delta do Nilo e melhorar o abastecimento de água, o saneamento e o tratamento de resíduos.** Este investimento é conhecido como o projeto de descontaminação do canal de drenagem de Kitchener («Kitchener Drain»). O canal é um dos mais poluídos do Egito. Uma longa série de estações de tratamento de águas residuais encontra-se ligada ao canal que percorre cerca de 70 quilómetros e atravessa localidades não muito distantes do mar Mediterrâneo. O plano para descontaminar este canal e evitar a poluição do mar faz parte de um programa da União Europeia destinado a melhorar a qualidade da água em muitos países mediterrânicos. «A água é importante para todos, sobretudo em Alexandria», afirma o mergulhador Walid Maneb. «Basta olhar à nossa volta: a água limpa dá-nos emprego, alimenta-nos e atrai milhões de turistas.»

«Temos de investir no planeta»

Mohamed Wael Nasser, o gestor de desenvolvimento de produtos da empresa gráfica Roto House, situada numa zona industrial de Gizé, cerca de 40 quilómetros a oeste do Cairo, observa que, por vezes, os seus colegas se cansam de o ouvir falar repetidamente sobre a importância da água potável no Egito ou sobre o ambiente e a luta contra o aquecimento global. Mohamed representou a empresa na Conferência das Nações Unidas sobre Alterações Climáticas realizada em 2022. Salaria que a qualidade da água do Nilo tem sido negligenciada, que o país importa a maior parte dos seus alimentos e que as alterações climáticas representam um maior risco para a sua economia e a sua agricultura do que para a maioria dos outros países. «A minha esperança é que outras empresas sigam o nosso exemplo no que respeita ao clima e que outras também acreditem na proteção do planeta», explica Mohamed, cujo empregador é uma das maiores empresas de rotulagem e impressão de embalagens no Egito. «Também temos de investir no planeta. Temos de garantir que o planeta está bem.»

O EGITO EM DESTAQUE

Mohamed mandou instalar fileiras de painéis solares em todo o telhado da fábrica da Roto House para produzir mais de 10 % da eletricidade que a empresa consome. O novo sistema de depuração da empresa, composto por tanques, tubos e condutas de ventilação, elimina os fumos químicos nocivos antes de serem libertados. O sistema também reduz o cheiro dos produtos químicos na fábrica e ajuda a prevenir problemas respiratórios.

O mais recente empréstimo concedido ao Banco de Alexandria, em 2023, no montante de 15 milhões de EUR, é um financiamento semelhante ao que apoiou todas as melhorias ambientais da Roto House. Foi concedido ao abrigo do «Green Economy Financing Facility», o mecanismo de financiamento para a economia verde, que visa ajudar as empresas egípcias a adotarem a energia verde. Os dois empréstimos concedidos ao Banco de Alexandria incluíram subvenções da União Europeia para assistência técnica, a fim de acelerar os investimentos ecológicos.

Promover a inclusão e o microfinanciamento

O Banque du Caire, uma das maiores instituições de microfinanciamento do país, promove a inclusão, o desenvolvimento comunitário e a capacitação empresarial. Em fevereiro de 2023, o Banco Europeu de Investimento assinou um empréstimo de 70 milhões de EUR com o Banque du Caire para ajudar a instituição a conceder mais empréstimos a pequenos empresários do Cairo e de Alexandria que têm dificuldade em obter financiamento. Por vezes, são aprovados microfinanciamentos, mesmo que o candidato não cumpra todos os critérios de elegibilidade, desde que o responsável local aprove o empréstimo. Os responsáveis locais verificam a adequação dos candidatos, falando com amigos e vizinhos e analisando uma grande quantidade de documentos.

Em janeiro de 2023, Sherif Sayed contraiu um empréstimo no montante de 70 000 libras egípcias (2 100 EUR) junto do Banque du Caire, para abrir um café maior na cidade de Seis de Outubro, uma nova cidade no deserto que alberga estudantes, jovens adultos e recém-chegados de países como a Síria ou o Iraque. O novo café de Sherif Sayed chama-se «Zeaab El-Gabal», em homenagem a uma famosa série de televisão egípcia que ilustra a vida e as tradições da região sul do Egito onde Sherif Sayed cresceu. Os habitantes desta região do Alto Egito têm maior dificuldade em obter empréstimos, porque são considerados de risco mais elevado do que os de cidades maiores como o Cairo ou Alexandria. Este é o segundo empréstimo que Sherif Sayed obtém junto do Banque du Caire. O seu novo café tem quatro empregados e capacidade para cerca de sessenta pessoas. «Pequenos projetos como o meu são a semente de grandes empresas», explica Sherif Sayed. «Se as pequenas empresas conseguirem obter financiamento, acabarão um dia por se transformar em grandes empresas. Todos começamos do zero. Ninguém começa em grande.»

“ A água limpa dá-nos emprego, alimenta-nos e atrai milhões de turistas. ”

FERROVIA VERDE

Um financiamento avultado para modernizar o troço ferroviário Belgrado-Niš dinamiza as ligações regionais, o comércio, o crescimento e a integração na União Europeia

O sonho de longa data de ter comboios a circular sem obstáculos através dos Balcãs Ocidentais pode concretizar-se em breve. **O pacote financeiro de 2,2 mil milhões de EUR da União Europeia (UE) destinado ao troço ferroviário Belgrado-Niš ao longo do Corredor X na Sérvia demonstra que a região está no bom caminho.** Graças a estes fundos, a duração das viagens de comboio entre estas duas cidades sérvias será reduzida para menos de duas horas, a uma velocidade de até 200 km/h. Atualmente, são necessárias, pelo menos, seis horas de comboio ou cerca de três horas de carro. «Quando a linha ferroviária foi construída, em 1884, o trajeto durava oito horas, contra seis horas e meia hoje», explicou o Presidente sérvio Aleksandar Vučić, por ocasião da apresentação do financiamento da UE, em Belgrado, em fevereiro de 2023. «Nada mudou em 130 anos. Hoje, estamos a mudar a Sérvia com a ajuda da União Europeia.»

A primeira subvenção ao investimento no montante de 82,8 milhões de EUR foi assinada entre o Banco Europeu de Investimento e o Ministério da Construção, Transportes e Infraestruturas sérvio numa viagem de comboio entre Belgrado e Niš, na presença de altos responsáveis do Governo sérvio, da União Europeia e do Banco Europeu de Reconstrução e Desenvolvimento. As subvenções da UE poderão atingir um total de 598 milhões de EUR, o mais elevado montante concedido pela UE para um projeto na Sérvia até à data. **O pacote inclui ainda dois empréstimos, um de 1,1 mil milhões de EUR, do Banco Europeu de Investimento,** e outro de 550 milhões de EUR, do Banco Europeu de Reconstrução e Desenvolvimento.

Olivér Várhelyi, Comissário da Política Europeia de Vizinhança e Negociações de Alargamento, afirmou: «Seleccionámos este projeto porque tem capacidade para alterar a realidade no terreno para o povo da Sérvia, para as populações do sul do país e para a região no seu conjunto. Esta linha ferroviária deverá ser um fator de crescimento e de emprego e levar o investimento a zonas onde este é mais necessário, ou seja, o sul da Sérvia. O projeto deverá, por conseguinte, fazer surgir uma nova Sérvia e uma nova região.»

Apoio sustentável aos parceiros locais e aos projetos ecológicos

Quando estiver concluída, a nova linha ferroviária beneficiará mais de 2,3 milhões de passageiros por ano e transportará 9,4 milhões de toneladas de carga, criando novas oportunidades de emprego e de negócio.

A EIB Global, a direção do banco da UE para as operações no exterior da União Europeia, aprovou um financiamento de 1,1 mil milhões de EUR para este investimento de grande envergadura, que revitaliza os laços entre a União Europeia e os Balcãs Ocidentais e liga a Europa Central a Tessalónica, na Grécia, e a Sófia, na Bulgária. O projeto insere-se no Plano Económico e de Investimento da União Europeia para os Balcãs Ocidentais, dotado de 30 mil milhões de EUR, ou seja, um terço do PIB da região, que visa mobilizar investimentos nos domínios dos transportes, da energia e da transição ecológica e digital, a fim de promover o crescimento sustentável e o emprego.

O Banco Europeu de Investimento investiu mais de 1,2 mil milhões de EUR no setor ferroviário, posicionando-se como um dos principais financiadores do setor dos transportes na região e apoiando a cooperação económica e a conectividade.

// Hoje, estamos a mudar a Sérvia com a ajuda da União Europeia. //

Um meio de transporte mais seguro, mais ecológico e mais eficiente na Sérvia

A reabilitação do troço Belgrado-Niš permitirá melhorar as ligações ferroviárias da Sérvia a outras redes europeias. O projeto tornará o transporte de mercadorias mais rápido e reduzirá consideravelmente os tempos de trajeto dos passageiros. Sendo a ferrovia um modo de transporte não poluente, a modernização do sistema ferroviário contribui igualmente para a proteção do meio ambiente. «A modernização da infraestrutura ferroviária e o reforço da segurança e da eficiência do transporte ferroviário é uma das nossas prioridades nos Balcãs Ocidentais e um fator essencial para o desenvolvimento económico da região», afirmou Matteo Colangeli, diretor do BERD para os Balcãs Ocidentais. «Temos um compromisso de longa data com o setor ferroviário sérvio e congratulamo-nos por nos associarmos à União Europeia e ao Banco Europeu de Investimento neste projeto histórico.»

Os projetos no setor dos transportes financiados pela União Europeia na Sérvia visam melhorar as ligações e, por conseguinte, impulsionar a integração económica, tanto da Sérvia na região como da região na União Europeia. Esses projetos contribuem para a reforma do setor ferroviário e para a criação de infraestruturas rodoviárias modernas e rentáveis.

DEPOIS DO SISMO

Marrocos investe em novas infraestruturas de ensino e combate a desigualdade social nas zonas rurais devastadas por um terramoto

No início de setembro de 2023, um sismo de magnitude 6,8 abalou a região de Al Haouz, em Marrocos, destruindo 50 000 habitações e danificando gravemente 1 000 escolas, muitas das quais tiveram de ser demolidas. Os professores e os alunos das zonas rurais mais afetadas pela catástrofe perderam as suas casas e foram obrigados a dormir nos edifícios escolares fortemente danificados, que já se encontravam em avançado estado de degradação antes do terramoto. Embora Marrocos consagre cerca de 5 % do seu produto interno bruto à educação, os recursos atuais não são suficientes para manter, modernizar e expandir a rede de 8 022 escolas primárias, especialmente nas zonas rurais.

Marrocos já planeava construir novas infraestruturas no âmbito de um esforço nacional para melhorar a educação em regiões remotas, como as montanhas do Atlas, cujos alunos têm um desempenho escolar inferior ao do resto do país. Após o terramoto, o Ministério da Educação acelerou os pedidos de licenças de construção, para que a reconstrução pudesse começar antes do final de 2023. «Este projeto é um fator de mudança para a educação em Marrocos», afirma Didier Bosman, arquiteto sénior do Banco Europeu de Investimento que está a trabalhar no financiamento do projeto. «Para o Ministério da Educação marroquino, a prioridade absoluta é colmatar o fosso entre as zonas urbanas e as zonas rurais.»

O Banco Europeu de Investimento concedeu um empréstimo de 102,5 milhões de EUR a Marrocos para a construção de 150 escolas comunitárias e para as dotar das infraestruturas necessárias, como equipamento escolar, instalações de acolhimento e transportes. **Todos os recursos serão agora transferidos para as zonas mais afetadas pelo sismo. Em outubro de 2023, o Banco Europeu de Investimento comprometeu-se a afetar, durante os próximos três anos, mil milhões de EUR para apoiar o programa de reconstrução de Marrocos na sequência do terramoto.**

Além disso, para ajudar o país a planear os seus investimentos, **o BEI concedeu uma subvenção adicional de 650 000 EUR ao abrigo da sua Iniciativa de Resiliência Económica**, um fundo que apoia o crescimento resiliente e inclusivo nos Países da Vizinhança Meridional da Europa e nos Balcãs Ocidentais. Este montante permitirá financiar a assistência técnica no planeamento do projeto, que inclui um estudo aprofundado das necessidades e dos desafios das escolas rurais. O estudo servirá de modelo para futuros projetos de educação no país.

Avaliação das necessidades no domínio da educação

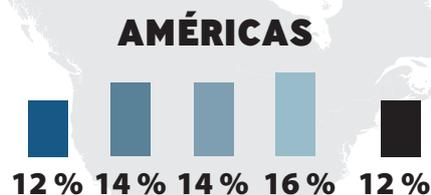
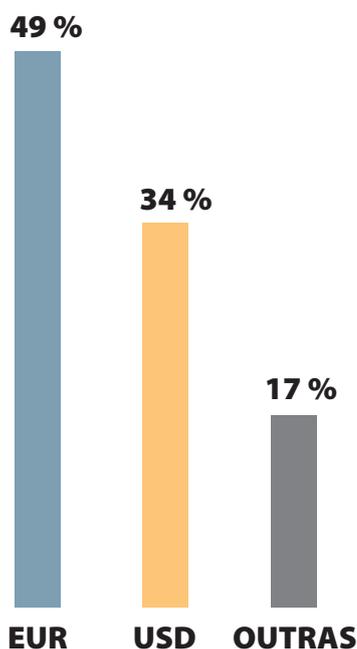
Antes do início das obras de construção, uma equipa de assistência técnica do BEI visitou mais de 30 escolas comunitárias, como a escola Eghrem N'ougdal, em Ouarzazate, e a École Vivante, no vale de Ait Bouguemez, nas montanhas do Atlas, para compreender melhor os desafios que se colocavam. Marrocos recebeu igualmente um empréstimo adicional de 9 milhões de EUR no âmbito da Plataforma de Investimento da Política de Vizinhança para adquirir recursos educativos e melhorar as práticas de ensino. «Embora haja ainda muito por fazer no domínio da educação em Marrocos, existem também alguns bons exemplos», explica Didier Bosman. «Na região montanhosa, uma mulher fundou uma escola primária com aulas adaptadas a crianças deficientes, financiada pelo Ministério da Educação. O seu sucesso foi tal que criou um colégio para que os alunos pudessem prosseguir os seus estudos. É isto que queremos ver em todo o país.»

ORIGEM DOS RECURSOS DO BEI

Em 2023, o Banco Europeu de Investimento, o maior mutuante e mutuário multilateral do mundo, captou 49,8 mil milhões de EUR nos mercados de capitais internacionais, dos quais 14,6 mil milhões de EUR através de obrigações verdes ou obrigações de sensibilização para a sustentabilidade. As emissões do Banco atraem investidores que, normalmente, não investiriam na Europa, mas que contribuem indiretamente para projetos europeus ao investirem nas obrigações do BEI.

O Banco emitiu obrigações em 16 moedas, tendo captado a maioria dos fundos nas principais divisas, nomeadamente o euro e o dólar norte-americano. A diversidade das fontes e dos prazos confere flexibilidade à estratégia do Banco em matéria de captação de recursos. As emissões multidivisas também permitem ao BEI proceder a desembolsos em algumas moedas locais.

EMISSÕES POR MOEDA



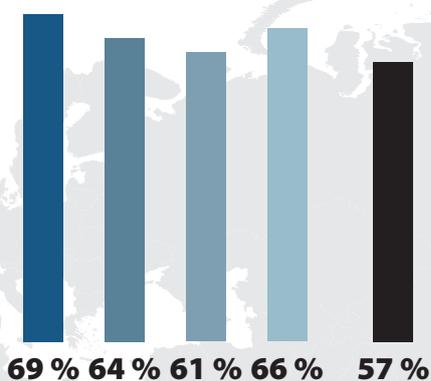
TORNAR A CADEIA DE BLOCOS MAIS ECOLÓGICA

O Banco Europeu de Investimento deu mais um passo no desenvolvimento de mercados de capitais sustentáveis ao lançar a primeira **emissão de obrigações de responsabilidade ambiental num formato de cadeias de blocos**. A emissão de obrigações no valor de mil milhões de SEK (87 milhões de EUR), com um prazo de dois anos, utiliza uma tecnologia única de cadeias de blocos desenvolvida pelo departamento de banca de empresas e de investimento do Crédit Agricole e pelo Skandinaviska Enskilda Banken, com sede em Estocolmo. A plataforma de obrigações baseia-se no protocolo «Proof of Climate awaReness», que permite utilizar menos energia do que a que consomem sistemas comparáveis ou não baseados em cadeias de blocos e incentiva os participantes a melhorarem a pegada ambiental das suas infraestruturas de negociação.

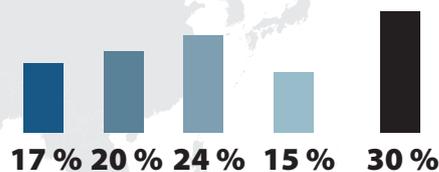
«A tecnologia de cadeia de blocos tem um grande potencial em termos de benefícios para os mercados de obrigações», explica Xavier Leroy, gestor de financiamentos sénior do Banco Europeu de Investimento. «Normalmente, cada pagamento de cupão envolve um elevado número de cálculos duplicados por parte dos emitentes, dos investidores e dos intermediários, e cada pagamento pode ser objeto de ampla discussão. Numa cadeia de blocos, todo este processo é transparente e muito mais célere.»

A operação segue-se a três emissões inovadoras do Banco Europeu de Investimento em cadeias de blocos, nomeadamente as primeiras obrigações digitais numa infraestrutura pública de cadeias de blocos, em 2021, as primeiras obrigações digitais numa infraestrutura privada de cadeias de blocos, em 2022, e as primeiras obrigações denominadas em libras esterlinas, no início de 2023.

EUROPA



ÁSIA



MÉDIO ORIENTE E ÁFRICA



■ 2020 ■ 2021 ■ 2022 ■ 2023

■ **Obrigações de responsabilidade ambiental/Obrigações de sensibilização para a sustentabilidade em 2023**

DESTAQUES DO PLANO DE ATIVIDADES DO GRUPO PARA 2024-2026

- **Transição ecológica e recuperação da Ucrânia**
- **Mais parcerias em todo o mundo**
- **Investigação e desenvolvimento nos domínios da tecnologia e da energia**
- **Maior ênfase nas competências e na formação**
- **Maior digitalização para modernizar as práticas bancárias**
- **Níveis máximos de financiamento estimados: 95 mil milhões de EUR em 2024, 93 mil milhões de EUR em 2025 e 85 mil milhões de EUR em 2026**

Na União Europeia, as prioridades do Grupo BEI para o período de 2024 a 2026 serão as transições ecológica e digital, as regiões da coesão e os países mais afetados pela invasão da Ucrânia, incluindo os milhões de ucranianos forçados a viver noutros países durante a guerra.

No exterior da União Europeia, a EIB Global intensificará a sua atividade para ajudar a Ucrânia a reparar os danos causados pela guerra, utilizando o fundo EU4Ukraine, juntamente com 100 milhões de EUR em assistência técnica. A EIB Global procurará estabelecer mais parcerias em todo o mundo para aumentar o seu impacto e investirá em setores como a tecnologia digital, a ação climática, a energia, os transportes, a investigação, os cuidados de saúde e a educação.

Tendo em conta a importância crescente da segurança económica e da independência estratégica, o BEI apostará significativamente na investigação e no desenvolvimento nos domínios da tecnologia e da eficiência energética. O Banco Europeu de Investimento assumirá mais riscos para garantir o apoio a setores e projetos inovadores de elevado valor. Nesse sentido, prevê investir, entre 2023 e 2027, 45 mil milhões de EUR para apoiar projetos no âmbito do REPowerEU, um programa de investimento que tem por objetivo tornar a Europa independente do petróleo e do gás russos.

O Fundo Europeu de Investimento, que financia as pequenas e médias empresas e as atividades de infraestruturas, apoiará a transição ecológica e digital, com uma ênfase crescente nas competências e na formação.

Os serviços de aconselhamento, que fomentam o mercado das tecnologias emergentes e melhoram a reserva de projetos do BEI, tornar-se-ão mais estreitamente alinhados com a atividade de financiamento do Banco, ajudando-o a encontrar mais oportunidades de negócio.

Os elevados níveis de atividade de financiamento do Grupo BEI contribuirão para a estabilização e o crescimento do balanço. Prevê-se que o excedente líquido do Banco aumente gradualmente a partir de 2024, impulsionado pelas taxas de juro elevadas.

O Banco está a trabalhar no sentido de se tornar mais eficiente e de reduzir o tempo necessário para concluir os procedimentos de financiamento dos clientes, bem como a estudar formas de tornar esses procedimentos mais rápidos e mais eficazes. A digitalização será uma parte importante deste processo.

O Grupo BEI prevê níveis máximos de financiamento de 95 mil milhões de EUR em 2024, de 93 mil milhões de EUR em 2025 e de 85 mil milhões de EUR em 2026. Estes elevados níveis de investimento permitirão ao BEI reforçar a economia da UE e enfrentar os crescentes desafios mundiais relacionados com as alterações climáticas.

Leia a versão integral do Plano de Atividades para 2024-2026 em
www.eib.org/en/publications



GOVERNAÇÃO

O BEI é simultaneamente um organismo da União Europeia, responsável perante os Estados-Membros, e um banco que segue as melhores práticas bancárias em matéria de tomada de decisões, gestão e controlo.

O Conselho de Governadores é composto por ministros dos Governos de cada um dos 27 Estados-Membros da UE, geralmente os ministros das Finanças. Os Governadores definem as linhas de orientação da política de crédito do Banco e aprovam anualmente as contas do exercício. Têm competência para decidir sobre os aumentos de capital e a participação do Banco no financiamento de operações no exterior da União Europeia. Compete-lhes também nomear o Conselho de Administração, o Comité Executivo e o Comité de Fiscalização.

O Conselho de Administração toma decisões sobre empréstimos, programas de captação de fundos e outros assuntos financeiros. Em princípio, reúne-se dez vezes por ano para garantir a conformidade da gestão do Banco com as disposições dos Tratados da UE e dos Estatutos do Banco e com as diretivas gerais fixadas pelo Conselho de Governadores. É composto por 28 administradores titulares, designados respetivamente por cada um dos Estados-Membros e pela Comissão Europeia. Conta ainda com 31 administradores suplentes. A fim de alargar as competências profissionais disponíveis no Conselho de Administração, este pode cooptar seis peritos para participarem nas suas reuniões como assessores, sem direito de voto. Salvo disposição em contrário dos Estatutos, as decisões são tomadas por maioria de um terço, pelo menos, dos membros do Conselho com direito de voto e que representem pelo menos 50 % do capital subscrito pelos Estados-Membros. O Conselho de Administração é presidido pelo presidente do Banco, sem direito de voto.

O Comité Executivo é o órgão de decisão permanente do Banco. Assegura a gestão dos assuntos correntes do Banco e prepara as decisões do Conselho de Administração, garantindo subsequentemente a respetiva execução. Reúne-se uma vez por semana. O Comité Executivo atua sob a autoridade do presidente e sob a supervisão do Conselho de Administração. Os restantes oito membros são os vice-presidentes do BEI. Os membros, nomeados por um período renovável de seis anos, são responsáveis unicamente perante o Banco.

O Banco dispõe de um **Comité de Fiscalização** independente, diretamente responsável perante o Conselho de Governadores. Cabe-lhe fiscalizar as contas do BEI e do Grupo BEI, verificar anualmente a regularidade das operações e dos livros do BEI e certificar-se de que as atividades do Banco são consentâneas com as melhores práticas bancárias. O relatório anual do Comité de Fiscalização relativo ao exercício financeiro é apresentado ao Conselho de Governadores juntamente com a resposta do Comité Executivo. O Comité de Fiscalização é composto por seis membros, nomeados por um mandato não renovável de seis exercícios financeiros consecutivos. Além disso, o Conselho de Governadores pode nomear três observadores para auxiliar o Comité de Fiscalização em tarefas específicas.



**O Banco Europeu de Investimento é o Banco do Clima da UE.
Saiba mais sobre as ações do BEI em prol do clima:
Clima e sustentabilidade ambiental (www.eib.org/climate)**



**O Banco Europeu de Investimento está solidário com a Ucrânia.
Saiba mais:
O BEI está solidário com a Ucrânia (www.eib.org/standwithUkraine)**



**Os projetos do BEI fazem a diferença em todos os setores da economia mundial. Mais informações:
Todos os projetos – Financiamentos e impacto global
(www.eib.org/projects/all)**

PROJETO PARA UM MODO DE VIDA SUSTENTÁVEL

RELATÓRIO DE ATIVIDADES 2023



Banco Europeu
de Investimento | Grupo

pdf: ISBN 978-92-861-5633-5

PT 02/2024